

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL

LUCAS RIBAS VIANNA

**PERMANÊNCIA DE TRABALHADORES CULTURAIS DURANTE A PANDEMIA DA
COVID-19: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBREVIVÊNCIA E MOBILIDADE NOS
POSTOS DE TRABALHO**

Belo Horizonte

2024

LUCAS RIBAS VIANNA

**PERMANÊNCIA DE TRABALHADORES CULTURAIS DURANTE A PANDEMIA
DA COVID-19: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBREVIVÊNCIA E MOBILIDADE NOS
POSTOS DE TRABALHO**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Economia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Economia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Flávia Machado

Belo Horizonte

2024

Ficha Catalográfica

V617p
2024

Vianna, Lucas Ribas.
Permanência de trabalhadores culturais durante a pandemia da COVID-19 (manuscrito) : uma análise sobre a sobrevivência e mobilidade nos postos de trabalho / Lucas Ribas Vianna. – 2024.
1 v.: il.

Orientadora: Ana Flávia Machado.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.

Inclui bibliografia.

1. Mercado de trabalho – Brasil – Teses. 2. COVID-19 (Doença) -- Teses – Teses. 3. Economia – Teses. I. Machado, Ana Flávia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. III. Título.

CDD: 331.120981

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG – 124/2024
Adriana Kelly Rodrigues - CRB6/2572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS RIBAS VIANNA

PERMANÊNCIA DE TRABALHADORES CULTURAIS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBREVIVÊNCIA E MOBILIDADE NOS POSTOS DE TRABALHO

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada no dia **cinco de fevereiro de dois mil e vinte e quatro**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Ana Flávia Machado (Orientadora) (Cedeplar/FACE/UFMG)

Prof^a. Mariangela Furlan Antigo (Cedeplar/FACE/UFMG)

Prof. Jonas da Silva Henrique (UFMG)

Belo Horizonte, 06 de fevereiro de 2024.

PROF. EDSON PAULO DOMINGUES

Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Economia



Documento assinado eletronicamente por **Mariangela Furlan Antigo, Professora do Magistério Superior**, em 06/02/2024, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flavia Machado, Professora do Magistério Superior**, em 06/02/2024, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jonas da Silva Henrique, Usuário Externo**, em 09/02/2024, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Edson Paulo Domingues, Subcoordenador(a)**,



em 15/02/2024, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3016092** e o código CRC **8BCCDD09**.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Ana Flávia, que desde o primeiro contato acreditou no meu potencial e sempre me incentivou e me guia a me tornar um pesquisador melhor.

À CAPES pelo financiamento em parte da minha trajetória que permitiu me dedicar exclusivamente ao mestrado quando necessário.

À minha família, que desde sempre me deu o suporte e todas as condições possíveis para que pudesse focar nos meus estudos e ter a tranquilidade e apoio para conquistar os meus objetivos. Sem o cuidado e carinho que vocês têm por mim, nada seria possível.

Aos meus amigos do CEDEPLAR pelas conversas e trocas, que foram importantes para conseguir chegar até o fim do mestrado.

Aos meus amigos de Belo Horizonte pelos momentos de descontração tão necessários em dias mais estressantes.

Aos meus companheiros de Belotur, Maria Thereza e José Geraldo, pelo incentivo diário e por me propiciarem um ambiente tranquilo que me permitiu concluir esta dissertação.

E a Chris, que é meu porto seguro e minha companheira de vida, que sem o seu apoio em todos os sentidos o caminho seria muito mais nebuloso. Obrigado por tudo.

RESUMO

Esta dissertação realiza um estudo sobre a permanência e mobilidade de trabalhadores culturais no período de maio a novembro de 2020, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid-19 (PNAD Covid-19). Para as estimativas de sobrevivência, foi empregado o modelo de Kaplan-Meier, complementado pelo modelo de Cox. O modelo logístico multinomial foi escolhido para estimar as chances de mobilidade. A análise do perfil dos trabalhadores culturais revela um setor composto por uma significativa parcela de profissionais autônomos, predominantemente brancos e com renda média bastante inferior à média da economia, apresentando níveis educacionais superiores. Os resultados das estimativas evidenciam um mercado de trabalho diversificado e distinto do restante da economia. Os trabalhadores culturais apresentaram uma permanência média em seus postos inferior à média da economia geral. Observou-se que os culturais não brancos tiveram uma permanência maior, embora o efeito dos coeficientes indique que o gênero masculino impacta positivamente na permanência no setor. Fatores como escolaridade e renda demonstraram ser positivos para a permanência, até certo ponto, visto que faixas salariais mais elevadas mostraram uma maior saída e transição para outros grupos. Aqueles trabalhadores culturais que receberam auxílio financeiro permaneceram mais tempo em seus postos em comparação aos que não receberam, sendo o efeito individual dessa variável positivo para a permanência nas ocupações culturais. A prática de teletrabalho, demonstrou ser positiva para a permanência nas ocupações culturais em todos os aspectos estudados. Nessa perspectiva, esta dissertação destaca como o mercado de trabalho cultural foi impactado de maneiras diversas pela crise sanitária e econômica da Covid-19, sublinhando a importância de compreender as nuances do setor cultural para a proteção das ocupações.

Palavras-chave: mercado de trabalho cultural; análise de sobrevivência; impacto Covid-19.

Abstract

This dissertation studies the tenure and mobility of cultural workers between May and November 2020, using data from the National Household Sample Survey Covid-19 (PNAD Covid-19). The Kaplan-Meier model was used for the survival estimates, complemented by the Cox model. The multinomial logistic model was chosen to estimate the odds of mobility. The analysis of the cultural workers' profile reveals a sector composed of a significant share of self-employed professionals, predominantly white and with an average income above the economy's average, even though they have lower educational levels. The results of the estimates show a diversified labor market distinct from the rest of the economy. Cultural workers had an average job tenure lower than the overall economy. It was observed that non-white cultural workers had a longer tenure, although the effect of the coefficients indicates that the male gender positively impacts tenure in the sector. Factors such as education and income were shown to be positive for tenure, up to a point, as higher income brackets showed a higher exit and transition to other groups. Those cultural workers who received financial aid remained in their jobs longer than those who did not, although the individual effect of this variable was not shown to be positive for staying in cultural occupations. On the other hand, the practice of home office was shown to be positive for staying in cultural occupations in all aspects studied. In this perspective, this dissertation highlights how the cultural labor market was impacted in diverse ways by the Covid-19 health and economic crisis, underscoring the importance of understanding the nuances of the cultural sector for the protection of cultural occupations.

Keywords: cultural labor market; survival analysis; Covid-19 impact.

Lista de Figuras

Figura 1 - Tipos de Censura de dados em análises de sobrevivência	22
Figura 2 - Mobilidade dos trabalhadores culturais	31
Figura 3 - Recebimento de auxílio por grupo	41
Figura 4 - Estimções de sobrevivência por características sociodemográficas dos culturais	44
Figura 5 - Estimções de sobrevivência por características laborais dos culturais.....	47
Figura 6 - Estimções de sobrevivência por características regionais dos culturais.....	49
Figura 7 - Estimções de sobrevivência por características sociodemográficas do grupo de controle	51
Figura 8 - Estimções de sobrevivência por características laborais do grupo de controle	53
Figura 9 - Estimções de sobrevivência por características regionais do grupo de controle	55
Figura 10 - Estimção de sobrevivência por características sociodemográfica dos ocupados não culturais	57
Figura 11 - Estimções de sobrevivência por características laborais dos ocupados não culturais	60
Figura 12 - Estimções de sobrevivência por características regionais dos ocupados não culturais	60
Figura 13 - Comparação da sobrevivência entre os grupos.....	63

Lista de Quadros

Quadro 1 - Definição das ocupações culturais	23
Quadro 2 - Definição das atividades culturais	23
Quadro 3 - Definição das covariáveis	34

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Estatísticas descritivas PNAD Covid -19 (período de maio a novembro de 2020).....	39
Tabela 2 - Médias de sobrevivência por grupos	63
Tabela 3 - Resultados modelo de Cox.....	68
Tabela 4 - Matriz de transição para culturais durante pandemia (maio a novembro de 2020) ...	69
Tabela 5 - Matriz de transição para culturais durante pandemia (maio a novembro de 2020) ...	69
Tabela 6 – Escolha ocupacional - Grupo base: Culturais.....	71
Tabela 8 - Comparação variáveis PNAD Covid-19 com PNAD-C.....	82

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. BREVE REVISÃO DE LITERATURA DO MERCADO DE TRABALHO CULTURAL.....	13
2.1 Mercado de trabalho cultural	13
2.2 Impacto da pandemia da COVID-19 nas relações laborais culturais.....	16
3. METODOLOGIA	20
3.1 Base de dados.....	20
3.2 Modelos de sobrevivência.....	25
3.3 Acompanhamento dos egressos culturais – modelo de mobilidade.....	30
3.4 Apresentação das variáveis	32
4. RESULTADO DAS ESTIMAÇÕES	37
4.1 Estatísticas descritivas	37
4.2 Tempo de permanência e fatores associados à sobrevivência.....	41
4.2.1 Culturais	42
4.2.2 Controle.....	50
4.2.3 Ocupados não culturais	56
4.2.4 Síntese dos resultados das estimações Kaplan Meier.....	62
4.2.5 Resultados modelo de Cox.....	66
4.3 Fatores associados a mobilidade dos culturais.....	69
5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXO.....	82

1. INTRODUÇÃO

O setor cultural foi um dos mais impactados pelas consequências da pandemia da Covid-19. A magnitude da crise nesse setor manifestou-se em diversas camadas, desde o fechamento de espaços culturais e cancelamento de eventos até a reconfiguração das dinâmicas de trabalho e renda dos profissionais envolvidos. Goés et al. (2022) relatam que não apenas as fragilidades do setor foram expostas, mas também os entraves políticos intrínsecos a ele foram evidenciados pela crise sanitária e socioeconômica. A paralisação abrupta de atividades culturais tradicionais impactou não apenas a sustentabilidade econômica dos trabalhadores culturais, mas também revelou a vulnerabilidade inerente a essa profissão, especialmente entre os mais jovens e trabalhadores autônomos (Rosen, 1972; Billie e Jensen, 2018).

O setor cultural teve perda de 11,2% dos postos de trabalho em 2020, enquanto para o restante da economia a perda foi de 8,7%, segundo dados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em outras palavras, o setor cultural tinha 5,46 milhões de trabalhadores em 2019, e em 2020 esse número era de 4,84 milhões. Vale ainda mencionar o setor passou pela crise da Covid-19 sem um planejamento federal consolidado, já que o Ministério da Cultura foi desmantelado em 2019. O mercado de trabalho do setor passou por muitos choques em um espaço curto de tempo e especificamente sobre permanência e mobilidade dos trabalhadores, os fatores que influenciaram na decisão dos indivíduos ainda é incerto (SIIC/IBGE, 2020).

Apesar de existirem estudos que abordam os impactos da pandemia sobre o mercado cultural brasileiro, ainda carecem análises com um escopo mais amplo das movimentações dos indivíduos que compõem mercado de trabalho do setor. O questionamento geral que é feito por essa dissertação é: quais (e como) fatores sociodemográficos, laborais e regionais afetaram a permanência dos trabalhadores culturais em suas ocupações e a mobilidade entre outros grupos durante a pandemia? Com o intuito de contribuir para as discussões acerca do mercado de trabalho cultural e sua recuperação pós-período pandêmico, esta dissertação tem como objetivo entender os determinantes que influenciaram na permanência em postos culturais e em sua mobilidade durante o período de maio a novembro de 2020. Ampliando, é buscado (i) revisar a literatura sobre o mercado de trabalho cultural e os impactos da pandemia sob o setor a fim de construir um arcabouço e amplo sobre a temática, (ii) estimar o tempo de sobrevivência dos culturais e as diferenças entre as características do indivíduo, além de comparar esses resultados com um grupo com características semelhantes e com o mercado de trabalho geral e (iii) investigar a mobilidade (ou permanência) dos culturais para os outros grupos analisados. O

recorte temporal é explicado pela disponibilidade que a Pesquisa Nacional de Amostra à Domicílio Covid-19 (PNAD Covid-19) apresenta, sendo a pesquisa uma importante fonte de informações em um contexto em que as demais pesquisas presenciais tiveram de ser paralisadas. Em suma, a motivação desse estudo constitui-se em analisar a movimentação dos trabalhadores culturais brasileiros durante a pandemia, entende-se o momento de instabilidade que a economia brasileira passou e estudar como os trabalhadores culturais foram afetados.

Por meio de estimação dos modelos de Kaplan Meier e de Cox, busca-se analisar os fatores associados à permanência (ou não) dos culturais em suas ocupações e, pela estimação do modelo logit multinomial, visa compreender os determinantes para a mobilidade dos culturais. Os culturais se mostraram como um grupo com características distintas do que é comumente abordado na literatura, formado pela maioria de homens e brancos, menos escolarizados e com rendimentos médios menores em relação aos demais. O recorte de ocupados culturais utilizado é formado por sua maioria por autônomos (cerca de 90%), sendo muito mais representativos do que para o restante da economia. Os trabalhadores culturais tiveram uma permanência menor que indivíduos com características laborais semelhantes e do que o mercado de trabalho geral, corroborando com a ideia de que o setor foi mais impactado pela pandemia.

Na estimação univariada de Kaplan-Meier, mostrou-se que homens, não brancos e com maior escolaridade tiveram maior tempo de permanência no setor cultural. Os indivíduos em ocupações formais (setor privado e público) tiveram uma permanência maior em relação aos autônomos. Além disso, aqueles que receberam algum tipo de auxílio emergencial e realizaram trabalho remoto também ficaram mais tempo em seus postos.

Os resultados das estimativas multivariadas de Cox e do logit multinomial vão ao encontro dos acima citados em partes. É mostrado, por exemplo, que o efeito de ser mulher considerando tudo mais constante contribuiu positivamente para as chances de permanecer no setor cultural. Outra conclusão distinta é sobre a idade, que quando se considera o seu efeito individual encontra-se que em faixas superiores a probabilidade de sair do setor é maior. Os efeitos positivos para a permanência para não brancos, beneficiados com auxílios emergenciais e aqueles que realizaram teletrabalho corroboram com os encontrados no modelo de Kaplan-Meier.

Para tanto, esta dissertação está organizada em mais quatro capítulos, além dessa introdução. No primeiro capítulo é feita uma revisão de literatura sobre as nuances do mercado de trabalho cultural e os aspectos relacionados a permanência de indivíduos em ocupações

culturais. Além disso, também é feita uma breve revisão sobre os impactos da pandemia da Covid-19 sobre o setor cultural brasileiro e internacional.

O segundo capítulo apresenta a metodologia das duas estimações propostas, além da apresentação da base de dados e das variáveis escolhidas. São também explicados os modelos de Kaplan-Meier e de Cox, utilizados para estimar a sobrevivência dos culturais em seus postos de trabalho e dos grupos de comparação. Em seguida, passa-se para o modelo logit multinomial que é utilizado para abordar a mobilidade dos trabalhadores culturais.

O terceiro capítulo é construído inicialmente pelas estatísticas descritivas, seguido pelas estimações de sobrevivência dos culturais e das comparações com o grupo de controle e dos não ocupados e finalizado com as estimações associadas aos fatores da mobilidade dos culturais. Por fim, o quarto e último capítulo contempla as considerações finais sobre os principais resultados, limitações e possibilidades futuras de pesquisa.

2. BREVE REVISÃO DE LITERATURA DO MERCADO DE TRABALHO CULTURAL

Este capítulo tem como objetivo fazer uma breve revisão na literatura sobre o tema. Na primeira parte, são abordadas as dinâmicas que formam o mercado de trabalho cultural e as características que influenciam a permanência, mobilidade e outras situações. Em um segundo momento, é posto como a pandemia da Covid-19 impactou o mercado de trabalho cultural mundial e brasileiro.

2.1 Mercado de trabalho cultural

Inicialmente, é necessário fornecer uma explicação sobre a definição do setor cultural e sua distinção em relação ao setor artístico. Os artistas representam o ápice desse meio, sendo responsáveis por apresentações, exposições, criação de obras visuais e outros produtos por eles concebidos. Por outro lado, o setor cultural abrange não apenas os artistas, mas também todos os profissionais envolvidos, como produtores, gestores, técnicos de cenografia, iluminação, além de outras atividades consideradas culturais, variando para cada definição. Existe uma parte da literatura que se dedica aos artistas¹ e outra que se dedica aos culturais². Os dois grupos têm suas diferenças, considerando que os culturais abrangem mais indivíduos e pela própria diferença na característica das ocupações, mas, no caso de bancos de dados secundários, muitas vezes se agregam esses trabalhadores no setor cultural, em razão de representatividade amostral.

O mercado de trabalho dos artistas possui elementos únicos que o diferenciam do restante da economia, tornando-o um objeto de estudo intrigante. No trabalho seminal de Thorsby (1994), é apresentado o modelo de preferência de trabalho artístico. Segundo esse modelo, os indivíduos experimentam uma satisfação maior com suas ocupações, e aspectos financeiros têm menor importância nas alocações de tempo laboral em comparação com atividades não culturais. Nesse contexto, o trabalho, por si só, proporciona satisfação, levando os profissionais a buscar uma renda de sobrevivência. Mesmo que optem por ocupações não

¹ Trabalhos que lidam com os artistas: Rosen (1981), Coulangeon (2005), Wassal e Alper (1992), Thorsby (1992), Thorsby (1994), Menger (2006), Alper e Wassal (2006), Heian, Loyland e Mangset (2012), Mathieu (2012), Billie e Jensen (2018), Yonn e Heo (2019), Frenete e Dowd (2020), Da Silva Henrique, Machado, Antigo (2022).

² Trabalhos que lidam com os culturais: Towse e Khakee (1992), Neto, Freguglia e Farjado (2012), Neto e Perobelli (2013), Machado, Rabelo, Moreira (2014), Snowball e Hadisi (2020).

artísticas, o fazem para sustentar suas atividades, evidenciando a importância intrínseca do trabalho artístico na busca pela realização pessoal e criativa.

Outra característica única é apresentada pelo modelo de *superstars*, proposto por Rosen (1981). Em atividades não relacionadas à cultura, nota-se uma concentração de renda e uma ampla disparidade salarial entre os mais e menos remunerados. No entanto, no setor artístico essa desigualdade é acompanhada pela visibilidade, algo compartilhado por poucos outros. O topo dessa pirâmide é ocupado por artistas que permeiam o cotidiano das pessoas, criando uma sensação de proximidade com essa realidade. Dessa forma, o que o modelo propõe é que indivíduos podem ser incentivados a ingressar no setor cultural com a ideia de alcançarem o sucesso dos chamados *superstars*.

Baseados no modelo de *superstars*, Alper e Wassal (2006) sugerem que artistas se submetem a maiores riscos, como baixa remuneração no início da carreira e períodos de desemprego, depositando suas expectativas em possíveis ganhos elevados no futuro. Esse movimento resulta em uma oferta desproporcional à demanda artística, levando à saída precoce de muitos profissionais culturais que acabam migrando para outros setores, o que é viável devido ao elevado nível educacional desse grupo.

Trabalhadores “apaixonados” pelo trabalho, motivados pelos pares mais bem sucedidos e com maior propensão aos riscos. Essas três hipóteses sobre o mercado de trabalho cultural são as que mais estão presentes e que buscam ser testadas para diferentes contextos na literatura. A partir desse diagnóstico do trabalhador cultural, pode-se ter um ponto de partida para melhor entender as dinâmicas que o setor apresenta e considerar casos mais específicos. É importante deixar claro que diferente de boa parte da literatura, o presente trabalho não busca fazer análises sobre a satisfação dos trabalhadores culturais ou testar o modelo de preferência cultural de Throsby (1994). O enfoque dado é na permanência dos culturais em suas ocupações e no efeito das características sociais e laborais sobre a sobrevivência e mobilidade, onde se entende que exista uma janela na literatura.

Segundo Heian, Loyland e Mangset (2012), os grupos culturais apresentam diferenças distintas entre si. Além disso, Yonn e Heo (2019) observam que artistas que recebem subsídios aumentam suas horas de trabalho artísticas, com exceção dos trabalhadores criativos. Snowball e Hadisi (2020) observam que o percentual de jovens nos setores culturais é significativamente superior em comparação a outras ocupações. Essa composição, predominantemente jovem, tende a estar mais concentrada no trabalho informal. O trabalho cultural é notadamente

composto por muitos profissionais autônomos, contribuindo para muita informalidade (Bladin, Billie, 2021; Snowball, Hadisi, 2020). Essas nuances ressaltam a complexidade e a diversidade que caracterizam o cenário do trabalho, enfatizando a importância de considerar fatores multidimensionais e as diferenças dentro do próprio setor ao analisá-lo.

Trabalhadores culturais apresentam rendimentos superiores em comparação com os não culturais, conforme indicado por Neto, Freguglia e Farjado (2012), que utilizaram dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2002 a 2007. Adicionalmente, destacam que as mulheres têm rendimentos mais elevados do que os homens, e a experiência profissional exerce um impacto mais significativo sobre os rendimentos do que a educação.

Entretanto, Machado, Rabelo e Moreira (2014) oferecem novos e distintos insights sobre o tema, baseando-se em dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e do Financeiro Brasil (FINBRA). Contrariamente, constataram que as mulheres recebem remuneração inferior à dos homens, e os negros ganham menos do que os brancos. A idade e a escolaridade, assim como a formalidade no emprego, mostraram-se positivas para os rendimentos. Além disso, os autores revelaram que o número de trabalhadores culturais aumenta com o crescimento dos investimentos públicos em cultura.

No contexto regional, Neto e Perobelli (2013) evidenciam como o desenvolvimento de atividades culturais em uma determinada região está interligado à evolução dessas atividades em regiões circunvizinhas, citando o exemplo do impacto cultural que Belo Horizonte exerce sobre cidades próximas. Acrescentam que regiões urbanas destinam uma proporção maior de seus recursos para cultura em comparação com regiões rurais (Diniz, Machado, 2009).

De acordo com Wassal e Alper (1992), Throsby (1992) e Towse e Khakee (1992), parte da literatura sugere que, em comparação com outros setores da economia, a educação tem uma influência menor sobre os rendimentos dos trabalhadores culturais, sendo superada pelos anos de experiência. Billie e Jensen (2018), ao analisarem cinco grupos de artistas dinamarqueses, evidenciam que a acumulação de capital intelectual artístico exerce um impacto significativo na longevidade desses artistas. Os achados de Billie e Jensen (2018) também revelam variações entre os grupos: ser mulher aumenta as chances de permanência entre artistas visuais e diminui entre jornalistas, um fenômeno corroborado por Coulangeon (2005), que indica a inexistência de diferenças significativas entre os sexos em termos de permanência.

Quanto à idade, observa-se que, enquanto trabalhadores mais velhos têm uma permanência menor entre jornalistas, a tendência é oposta para artistas visuais. A explicação reside no fato

de que os artistas visuais podem demandar mais tempo para se consolidarem no mercado, um aspecto considerado para todo o setor (Matheiu, 2012). Frenete e Timothy (2020) apontam que mulheres enfrentam uma probabilidade 15% menor de permanecer na carreira cultural, e que não brancos têm uma probabilidade 23,4% menor em comparação com homens brancos.

Da Silva Henrique, Machado e Antigo (2022) realizaram uma análise sobre a sobrevivência dos músicos em Belo Horizonte, considerando as restrições sociais decorrentes da pandemia da COVID-19. Os resultados destacaram que, durante esse período, os homens e os brancos demonstraram uma maior permanência em comparação com as mulheres e os não brancos, respectivamente. Isso ressalta a importância da educação artística, especialmente no contexto musical, para a durabilidade na profissão. Adicionalmente, foi observado que músicos mais jovens tiveram uma permanência mais prolongada, e aqueles que contribuíam para a seguridade social, atuando como uma medida *proxy* para a formalidade, permaneceram mais tempo em seus cargos em comparação aos trabalhadores informais. Os efeitos da pandemia ficaram evidentes, pois aqueles que conseguiram manter seus rendimentos durante a análise praticamente não diminuíram suas chances de sobrevivência.

Muitos indivíduos sentem-se atraídos pelo setor cultural, entretanto, são poucos os que conseguem efetivamente consolidar carreiras duradouras (Alper, Wassal, 2006). Além de perceberem que seus colegas de outros setores recebem salários mais altos por uma quantidade equivalente de horas trabalhadas, eles também precisam enfrentar os atrativos financeiros oferecidos por outras ocupações. Os artistas, por possuírem características únicas e não substituíveis, podem encontrar um elemento positivo para a sua permanência (Menger, 2006). Contudo, é importante ressaltar que esse fato pode não ser válido para todos os profissionais do setor, dado que o ambiente é concentrado e marcado por uma alta desigualdade, no qual muitos trabalhadores na base disputam poucas oportunidades (Thorsby, 1994).

2.2 Impacto da pandemia da COVID-19 nas relações laborais culturais

As atividades culturais e artísticas não apenas são motivadas, mas também dependem da interação entre as pessoas para se desenvolver (Benhamou, 2007). Com a chegada da pandemia e a necessidade de isolamento social, o setor cultural enfrentou desafios significativos. Mais de 80% dos profissionais e empresas culturais registraram alguma perda em receitas ou vendas devido à pandemia, conforme apontado por um estudo da Unesco para o Mercosul. Os setores mais afetados foram os de música e artes performáticas, com uma redução de cerca de 20% na arrecadação. Zhang et al (2022) destacam que os retornos financeiros provenientes de

atividades culturais foram impactados, prejudicando principalmente empresas pequenas e recém-estabelecidas.

Fillis et al. (2022) examinaram o impacto da pandemia no setor cultural na Inglaterra e apontaram a urgência de mudanças estruturais para se adaptar às transformações decorrentes desse período. Primeiramente, os autores observaram que a falta de uma comunicação clara por parte do Estado sobre a situação da pandemia tornou o processo de tomada de decisão ainda mais desafiador, tanto para consumidores quanto para fornecedores e consumidores culturais durante o período de isolamento. Além disso, foi notada uma transição acelerada nas características do setor, onde as atividades presenciais, antes dominadas por pessoas mais velhas, cederam espaço para a criação de conteúdo digital, mais oferecido e consumido pelos mais jovens. A colaboração dentro do setor cultural e o estímulo à inovação, quando ocorreram, foram fundamentais para a resiliência dos estabelecimentos e a preservação dos postos de trabalho durante o isolamento (Popa et al., 2021).

O padrão de consumo também passou por alterações, apresentando uma maior diversificação na cesta de produtos culturais consumidos. Houve uma preferência crescente por meios digitais, como jogos eletrônicos e músicas, em detrimento de meios tradicionais, como livros (Bakhshi, Di Novo e Fazio, 2023). A maioria dos negócios e indivíduos que conseguiram manter suas atividades teve a necessidade de se adaptar principalmente à nova realidade digital (Belfiore e Lee, 2020). Contudo, Feder et al. (2023) apontam que os padrões de consumo do "novo normal" se assemelham aos do período pré-pandêmico, no sentido de que o engajamento com o consumo cultural permaneceu baixo e as desigualdades de raça, sexo e idade persistiram.

No Brasil, o impacto para o setor também foi significativo. Grande parte dos eventos teve que ser cancelada ou reagendada, resultando em prejuízos, fechamento de empresas e demissões em massa (Abrape, 2020; Nexo Jornal, 2020; Folha de São Paulo, 2020). De acordo com um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pelo Sebrae para o estado de São Paulo³, após a pandemia, nove em cada dez empresas do setor tiveram perda de faturamento. Cerca de 63% precisaram paralisar suas atividades, e uma em cada cinco realizou demissões em massa devido aos efeitos da pandemia. O estudo também aponta que a recuperação do setor deve ser longa e exigirá suporte estatal.

³ Conjuntura do setor de Economia Criativa Efeitos da crise da Covid-19. Disponível em: <https://bit.ly/3PYUaN7>. Acesso em 20 de janeiro de 2024

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Itaú Cultural em setembro de 2020, quase metade dos entrevistados relatou não se sentir seguro para participar de atividades culturais presenciais. A pesquisa também destacou a prevalência do consumo cultural por meio digital. Nove em cada dez brasileiros tinham acesso à internet, sendo que 71% acessavam diariamente. Os principais produtos culturais consumidos através da internet, conforme relatado pelos entrevistados, incluíam ouvir música (86%), assistir a séries e filmes (73%) e participar de shows de música ou lives (60%).

Os efeitos sobre o setor durante a pandemia não foram uniformes, evidenciando a adaptação forçada da indústria, o relaxamento das medidas de isolamento ao longo dos meses e a heterogeneidade do setor. Amaral et al. (2020) mostram que a redução total da receita, representando o fechamento dos estabelecimentos culturais, foi mais expressiva nos primeiros meses da pandemia, sendo o Distrito Federal o estado com o maior percentual de perdas totais e o Mato Grosso, o estado com o menor percentual. A contratação de serviços culturais sofreu um impacto inicial significativo durante as medidas de isolamento, atingindo o pico entre maio e julho com as maiores reduções. A partir de agosto, as reduções começaram a se amenizar. Os autores observaram a tendência de consumo digital de cultura, incluindo redes sociais e plataformas de streaming, com a maioria dos novos serviços contratados apresentando essa característica. Além disso, a parcela dos coletivos culturais entrevistados que recebeu algum tipo de auxílio aumentou no período de maio a julho em comparação com março e abril.

Goes et al. (2020) investigaram dois aspectos do setor cultural durante a pandemia, utilizando a PNAD Covid-19 como proxy e estimando que 5,2 milhões (7,3% do total de ocupados) fazem parte desse setor. Os autores buscaram avaliar o potencial de teletrabalho utilizando a metodologia de Dingel e Neiman (2020), encontrando que, para o primeiro trimestre de 2020, o potencial de teletrabalho no setor cultural (45%) foi quase duas vezes maior do que nos demais ocupados (22,7%). Essa estimativa mais elevada foi corroborada pelas constatações reais para o mês de julho, quando 20% dos profissionais culturais estavam trabalhando remotamente, em comparação com 11,8% do total de ocupados.

É crucial destacar a atenção especial dada aos programas de distribuição de renda fornecidos durante a pandemia como uma tentativa de mitigar os efeitos econômicos causados pelo isolamento social. O Auxílio Emergencial (AE), instituído pela Lei n. 13982 de 2020, inicialmente previa o repasse mensal de 600 reais para trabalhadores informais, de baixa renda, microempreendedores individuais (MEIs) e contribuintes individuais do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Indivíduos que estivessem recebendo outros benefícios, com

exceção do Bolsa Família, não eram elegíveis para o Auxílio Emergencial. O AE foi estendido até dezembro de 2020, sendo fundamental para muitas famílias, mas também associado a casos de fraudes e má alocação de recursos (Schymura, 2020; Oliveira et al., 2020).

A Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural (Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020) foi uma tentativa de socorrer o setor cultural, reconhecendo que este foi um dos mais afetados pelas medidas restritivas de isolamento. Os solicitantes precisavam comprovar o exercício do trabalho artístico nos últimos dois anos, além de atender a outros critérios, como não ter recebido outros auxílios, com exceção do Bolsa Família, e possuir baixa renda. Entidades culturais, conhecidas como "pontos de cultura", também foram beneficiadas pelos recursos da Lei Aldir Blanc. Esses pontos de cultura deveriam comprovar o impacto da pandemia em suas atividades e seu retorno social, mediante a realização de atividades para alunos da rede pública de ensino ou para a comunidade. Os recursos da Lei Aldir Blanc começaram a ser distribuídos em setembro de 2020, o que significa uma janela de sete meses desde o início do AE

Goes et al. (2022) destacam que a Lei Aldir Blanc superestimou a quantidade de beneficiários em mais de duas vezes ao considerar os trabalhadores culturais elegíveis para o recebimento do auxílio. Eles sugerem que a lei poderia ter sido considerada uma expansão da base elegível para recebimento. A falta de preparo e estrutura no setor cultural por parte dos estados e municípios é apontada como uma limitação para a aplicação da lei, principalmente em um contexto em que não existia mais o Ministério da Cultura. Nesse sentido, são citadas as dificuldades desses entes em acompanhar e identificar os trabalhadores culturais, bem como a inexistência de conselhos, fundos e planos para organizar as políticas públicas culturais.

Diante dessas evidências, este estudo visa contribuir para o entendimento da relação entre o acesso ao auxílio e o tempo de sobrevivência dos profissionais culturais, analisando as diferenças entre as características individuais, além de comparar esses resultados com um grupo de características semelhantes e com o mercado de trabalho em geral. Além disso, busca-se investigar a mobilidade (ou permanência) dos profissionais culturais em relação aos outros grupos analisados.

3. METODOLOGIA

Aspectos metodológicos da pesquisa estão distribuídos em três seções distintas. Na primeira parte, são expostos detalhes acerca da base de dados utilizada, fornecendo uma análise da sua origem e das variáveis utilizadas para a obtenção dos resultados. A segunda e terceira seções têm por objetivo explicar o funcionamento dos modelos de sobrevivência e de mobilidade, respectivamente, destacando sua aplicação na abordagem do problema de pesquisa em foco. Por fim, as variáveis utilizadas são apresentadas juntamente com os resultados esperados por elas, conforme indicado na literatura.

3.1 Base de dados

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos da PNAD COVID-19, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa pesquisa foi uma resposta do IBGE aos desafios impostos pela pandemia, que dificultaram a realização de pesquisas presenciais, prática convencional que alimentava bases regulares, como a própria PNAD, divulgada trimestral e anualmente. Diante desse contexto, o IBGE optou por entrevistas remotas, realizadas por telefone, mensalmente entre maio e novembro de 2020, com o intuito de acompanhar os mesmos indivíduos ao longo desse período.

A PNAD COVID-19 foi concebida com o propósito de avaliar o impacto da pandemia do coronavírus, acompanhando as mudanças no mercado de trabalho neste período desafiador. Ela abordou questões relacionadas à prática de trabalho remoto, busca por emprego, informalidade e outras características das relações laborais. Além disso, a pesquisa buscou fornecer informações sobre sintomas autodeclarados de síndrome gripal, potencialmente associados à doença, e sobre o impacto nos estabelecimentos de saúde.

Destaca-se que cerca de dois mil entrevistadores do IBGE realizaram contatos telefônicos com 193,6 mil domicílios, abrangendo 3.364 municípios em todos os estados do país. Ao delimitar a amostra para esta nova pesquisa, o IBGE baseou-se na coleta anterior da PNAD-C, referente ao primeiro trimestre de 2019, e selecionou os domicílios que disponibilizaram números de telefone cadastrados.

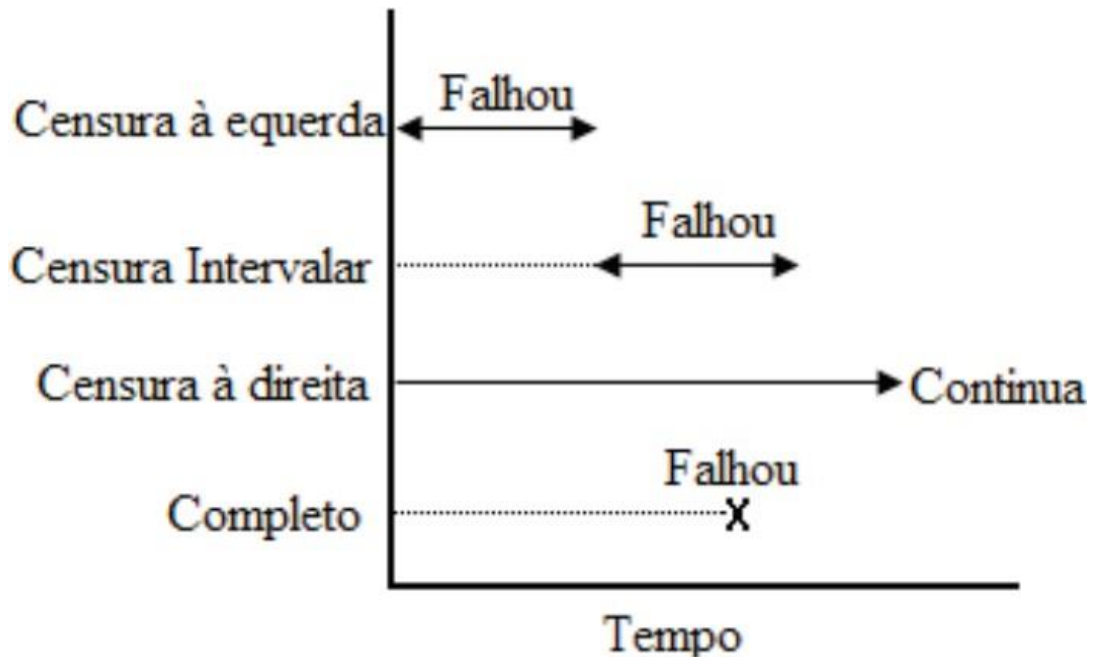
Dentro do contexto anterior sobre a PNAD COVID-19, é importante ressaltar as distinções fundamentais entre essa pesquisa específica e a PNAD Contínua. Enquanto a PNAD COVID-19 foi criada como uma resposta urgente à pandemia, visando coletar dados específicos relacionados aos impactos imediatos da COVID-19 na população brasileira, a PNAD Contínua tem uma abordagem mais abrangente e sistemática, principalmente na organização das

perguntas realizadas. A PNAD-C é conduzida regularmente ao longo do ano, buscando oferecer uma visão mais ampla e contínua da dinâmica socioeconômica do país, abordando temas que transcendem o cenário pandêmico. Enquanto a PNAD COVID-19 se configurou como uma pesquisa mais focada e pontual, a PNAD-C fornece uma análise mais robusta e de longo prazo das condições de vida e trabalho no Brasil, tornando-se uma ferramenta valiosa para compreensão e monitoramento constante da realidade socioeconômica do país.

Uma das principais diferenças entre as duas pesquisas são as definições das ocupações e setores. A PNAD Contínua segue a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAES), o que facilita a análise compatibilizada a outras bases, por essas classificações são utilizadas em outras fontes de dados. Já na PNAD Covid-19, foi feita uma classificação própria dessas variáveis. Considerando essa situação, foi feita uma relação entre as ocupações e setores entre as duas bases para se definir o grupo dos trabalhadores culturais e o grupo de controle. Essa diferença, juntamente com a comparação de todas as variáveis utilizadas da PNAD Covid em relação a PNAD C, é apresentada no Anexo 1.

Outra diferença importante entre as duas pesquisas é a forma como lidam com a censura das informações sobre as ocupações. A censura ocorre quando a observação de uma resposta é interrompida antes do tempo de falha, o que pode dificultar a análise do modelo de sobrevivência. Na PNAD Contínua, a censura ocorre à direita, pois a pesquisa não acompanha os indivíduos continuamente. Isso significa que, para alguns indivíduos, a observação termina com a realização da pesquisa, mesmo que eles ainda não tenham deixado o posto de trabalho. Na PNAD Covid-19, a censura ocorre nos dois lados. A censura à direita é igual à da PNAD Contínua, sendo ainda restritiva só fornecer sete períodos para análise. Mas há também censura à esquerda, porque a pesquisa não tem uma variável que ateste quanto tempo o indivíduo está naquele posto. Isso significa que a observação começa na data de início da pesquisa, mesmo que eles já estejam ocupados neste posto há algum tempo.

Figura 1 - Tipos de Censura de dados em análises de sobrevivência



Fonte: Lins, Figueiredo Filho e Rocha (2017)

Na condução da análise aprimorada do setor cultural, buscou-se estabelecer um arcabouço metodológico robusto com base em dados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (SIIC/IBGE, 2023). Os dados utilizados foram fundamentados na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0) e na lista de ocupações culturais definidas pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) em 2017.

Adotando essas definições, a classificação de um indivíduo como profissional do setor cultural ocorreu mediante seu envolvimento em atividades econômicas e ocupações específicas de maneira simultânea, conforme ilustrado na Figura 2. Daqui em diante, sempre que se referir a esse grupo, será denominado como "culturais". Os Quadros 1 e 2 apresentam as ocupações e setores correspondentes na PNAD COVID-19, com comparações realizadas em relação aos equivalentes na PNAD C. O grupo de controle foi definido como composto por trabalhadores de setores culturais em ocupações não culturais e por trabalhadores em ocupações culturais em setores não culturais, sendo assim referido ao longo do texto. Essa abordagem proporciona uma análise comparativa entre indivíduos com características semelhantes dentro do mercado de trabalho. Por fim, é definido um terceiro grupo, doravante chamado de "ocupados não culturais", formado pela base completa excluindo o grupo de tratamento e o grupo de controle.

Dessa maneira, espera-se obter, nesse recorte, um diagnóstico do mercado de trabalho geral e poder comparar os resultados com os indivíduos com características culturais.

Quadro 1 - Definição das ocupações culturais

Ocupações PNAD COVID	Ocupações PNAD Contínua
20. Artesão, costureiro e sapateiro (60,92% do total da base)	7217 - Artesão de pedra 7318 - Artesão de tecido 7319 - Artesão não classificado 7533 - Costureiros 7536 - Sapateiros
32. Artista, religioso (39,07% do total da base)	2651 - Artistas plásticos 2652 - Músicos, cantores e compositores 2653 - Bailarinos e coreógrafos 2654 - Diretores de cinema, de teatro e afins 2655 - Atores 2659 - Artistas criativos e interpretativos não classificados anteriormente

Fonte: Elaboração do autor a partir das informações obtidas na PNAD Covid-19.

Quadro 2 - Definição das atividades culturais

Atividades econômicas PNAD COVID	Atividades econômicas PNAD Contínua
13. Informação e comunicação (8,57% do total da base)	60001 - Atividades de rádio 63000 - Atividades de prestação de serviços de informação 73010 - Publicidade 60001 - Atividades de rádio 60002 - Atividades de televisão 59000 - Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão, gravação de som e de música
22. Atividade artísticas, esportivas e de recreação (91,43% do total da base)	90000 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos 91000 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental 93020 - Atividades de recreação e lazer

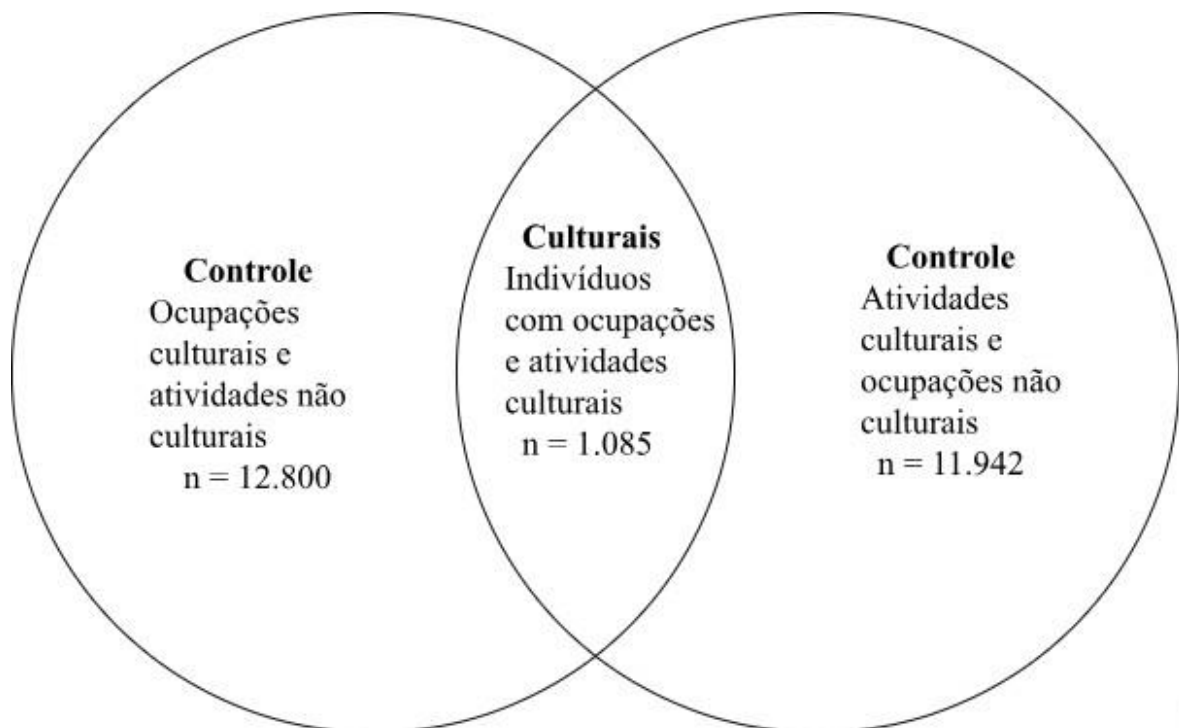
Fonte: Elaboração do autor a partir das informações obtidas na PNAD Covid-19.

Foi feito um recorte na base, excluindo os indivíduos com mais de 80 anos e menos de 16, buscando filtrar a População Economicamente Ativa Ocupada no primeiro mês da pesquisa. Além disso, apenas os indivíduos com respostas em todos os meses da pesquisa foram considerados, uma vez que existem muitos casos de respostas descontinuadas. Os valores das amostras podem ser visualizados no Quadro 3.

Quadro 3 - Tamanho total das amostras

Amostras	Número de observações
Amostra total (PNAD Covid-19)	2.650.459
Amostra final com indivíduos com mais de 16 anos e menos de 80 anos e que foram entrevistados nos sete meses de realização da pesquisa	561.505
Trabalhadores culturais	1.085
Trabalhadores de controle	24.742
Ocupados não culturais	516.313

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Figura 2 - Definição dos grupos culturais

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

3.2 Modelos de sobrevivência

A abordagem metodológica adotada para examinar a permanência dos trabalhadores em seus postos foi o modelo de sobrevivência. Este modelo, também denominado modelo de análise de sobrevivência ou modelo de risco, representa uma ferramenta estatística amplamente empregada para investigar o tempo decorrido até a ocorrência de um evento específico. Um modelo de sobrevivência na esfera econômica é empregado para investigar e compreender as taxas de permanência ou saída de indivíduos em determinadas condições econômicas, como no contexto do mercado de trabalho. Neste caso específico, busca-se analisar a saída de um trabalhador de um emprego definido como cultural. Este método leva em consideração não apenas a duração do período em que os indivíduos permanecem em uma determinada situação, mas também os fatores que exercem influência sobre o momento de sua saída.

A utilidade deste modelo se estende à compreensão da dinâmica do mercado de trabalho, à identificação de elementos que afetam a estabilidade ou rotatividade dos trabalhadores, à avaliação de políticas públicas relacionadas ao emprego e à previsão de tendências futuras. Ao levar em consideração os fatores de risco e as características individuais dos trabalhadores, o modelo de sobrevivência viabiliza uma análise abrangente dos processos de entrada e saída no mercado de trabalho, contribuindo significativamente para uma compreensão mais profunda dos fenômenos econômicos associados à permanência dos trabalhadores em seus postos.

Modelos de sobrevivência não paramétricos, semiparamétricos e paramétricos diferem na forma como assumem a distribuição de sobrevivência dos dados. Modelos não paramétricos não assumem nenhuma forma específica, modelos paramétricos assumem uma forma específica e modelos semiparamétricos combinam elementos dos dois. A escolha do tipo de modelo a ser usado depende de fatores como a forma da distribuição de sobrevivência dos dados, a quantidade de informação disponível e a complexidade do modelo desejada (Colosimo, Giolo, 2021).

Os modelos escolhidos para analisar a permanência dos trabalhadores em seus postos são o modelo de Kaplan-Meier e o modelo de Cox. O modelo paramétrico de Kaplan-Meier é amplamente utilizado na análise de sobrevivência e permite estimar a função de sobrevivência ao longo do tempo. É especialmente útil quando se tem dados censurados, ou seja, quando nem todos os eventos de interesse são observados durante o período de estudo,

como é o caso da base da PNAD-Covid19. Essa abordagem considera a taxa de falha ao longo do tempo, levando em conta a presença de indivíduos censurados, e permite a comparação entre diferentes grupos de trabalhadores (Kaplan, Meir, 1958). Já o modelo de Cox, também conhecido como modelo de riscos proporcionais ou semiparamétrico, é uma extensão do modelo de Kaplan-Meier e permite investigar os fatores que influenciam a saída dos trabalhadores de seus postos (Cox, 1968). É vantajoso por considerar simultaneamente múltiplas variáveis explicativas e sua relação com o risco de saída. Além disso, o modelo de Cox não exige a suposição de uma distribuição específica para a função de sobrevivência, tornando-o flexível e aplicável a diferentes contextos de análise. A combinação dos modelos de Kaplan-Meier e Cox oferece diversas vantagens na análise da permanência dos trabalhadores em seus postos. O modelo de Kaplan-Meier permite visualizar o tempo de sobrevivência ao longo do tempo e realizar comparações entre grupos, enquanto o modelo de Cox permite identificar quais fatores influenciam a saída dos trabalhadores, controlando o efeito de outras variáveis explicativas. Essa abordagem conjunta possibilita uma compreensão mais abrangente dos determinantes da permanência no posto de trabalho, contribuindo para uma análise mais robusta e informada sobre as dinâmicas do mercado de trabalho.

Antes de se aprofundar nos modelos, é crucial compreender a estrutura geral do modelo de sobrevivência. O estimador de Kaplan-Meier é uma estatística não paramétrica que tem objetivo de mensurar uma função como posto na Equação 1, tendo como resultado a probabilidade de uma observação não falhar até um certo tempo, ou em outras palavras, probabilidade de uma observação “sobreviver” ao tempo t (Colossimo, Giolo, 2021).

$$S(t) = \frac{n^{\circ} \text{ de casos sem falha no início} - n^{\circ} \text{ de casos que falharam}}{n^{\circ} \text{ de casos sem falha no início}} \quad (1)$$

Para realizar a análise da sobrevivência individual ($i = 1, \dots, n$), é necessário representar e organizar os dados por meio da notação (t_i, δ_i) , em que t_i denota o tempo de falha ou censura, e δ_i é uma variável indicadora de falha ou censura. Essa representação permite diferenciar entre os indivíduos que experimentaram o evento de interesse (falha) daqueles que foram censurados, ou seja, não tiveram o evento observado dentro do período de estudo. Essa abordagem que utiliza o tempo de falha ou censura em conjunto com a variável indicadora, estabelece a base

para a análise estatística da sobrevivência, permitindo a distinção entre eventos ocorridos e eventos não observados durante o período de observação, como é apresentado na Equação 2.

$$\delta_i = \left\{ \begin{array}{l} 1 \text{ se } t_i \text{ é um tempo de falha} \\ 0 \text{ se } t_i \text{ é um tempo de censura} \end{array} \right\} \quad (2)$$

A transição de ativo para inativo no local de trabalho é compreendida como uma variável aleatória não negativa T , incorporada na função de sobrevivência (taxa de falha) $S(t)$ estabelecida para aqueles que permanecem na ocupação ao longo do tempo t . Essa variável aleatória T representa o tempo até a transição ocorrer e desempenha um papel fundamental na modelagem da dinâmica da permanência no emprego. A função de sobrevivência $S(t)$ fornece a probabilidade de um indivíduo permanecer no posto de trabalho além de um determinado ponto no tempo t , considerando a transição como o evento de interesse.

A formulação específica dessa função de sobrevivência pode variar de acordo com o modelo estatístico adotado para a análise da sobrevivência, como o modelo de Kaplan-Meier ou o modelo de Cox. A taxa de falha é dada por:

$$S(t) = P(t \geq T) \quad (3)$$

A função de risco $h(t)$ incorpora a probabilidade da transição (falha) ocorrer em um determinado intervalo de tempo $[t_1, t_2]$, representado na função de sobrevivência por $[S(t_1) - S(t_2)]$, Essa função de risco é compreendida como a taxa instantânea de falha no tempo t_2 , indicando a expectativa da transição para deixar a respectiva ocupação no intervalo $[t_1, t_2]$. A expressão para a função de risco é formulada como:

$$\frac{S(t_1) - S(t_2)}{(t_2 - t_1)S(t_1)} \quad (4)$$

Integrando o intervalo como $[t, t + \Delta t]$, encontramos:

$$h(t) = \frac{S(t) - S(t + \Delta t)}{\Delta t S(t)} \quad (5)$$

Na expressão, onde Δt tende a zero, a função de risco indica o limite da razão entre a possibilidade do evento ocorrer entre t e Δt , considerando que a pessoa ocupada permaneceu na ocupação entre o tempo T e a ocorrência do tempo. Ao deixar o posto, é possível calcular a função de sobrevivência e a probabilidade do indivíduo permanecer ao longo de todo o período t . A função de risco, por outro lado, denota a probabilidade de saída, levando em conta que o indivíduo permaneceu no posto até aquele momento dado.

O estimador proposto por Kaplan e Meier (1959) assume a independência dos eventos e a probabilidade condicional ao investigar o tempo t de permanência ativa no posto, em uma série de elementos que são independentes, caracterizando a situação ativa em cada intervalo de tempo anterior a t , a probabilidade é condicional aos indivíduos em risco em cada período de acompanhamento. É adequado, porque considera as informações encontradas nos diferentes períodos de sobrevivência (t_1, t_2, \dots, t_n) independentes e igualmente distribuídas. Essa formalização estatística pode ser compreendida da seguinte forma:

$$\delta(t) = \mathbf{G} \frac{i}{t_i} < t \left(1 - \frac{d_i}{n_i}\right) \quad (6)$$

Onde d_i é o número de falhas que ocorrem no tempo t_i , n_i é o número de observações em risco (que não falharam e não foram censuradas) até o tempo t_i , e $\frac{d_i}{n_i}$ representa a função de risco. A variável endógena selecionada é o tempo até a ocorrência da falha, ou seja, até a transição de saída do posto de trabalho. O estimador é capaz de relatar a probabilidade de permanência de um indivíduo em um determinado período.

O artigo de Cox, *Regression Models and Life-Tables*, publicado em 1968 no *Journal of the Royal Statistical Society*, apresenta um modelo de regressão para dados de sobrevivência que leva em consideração variáveis que afetam a taxa de falha. O modelo, conhecido como modelo de riscos proporcionais de Cox, é uma das ferramentas mais utilizadas em análise de sobrevivência. O método permite avaliar o efeito de diferentes

fatores na taxa de mortalidade, controlando outros fatores que também afetam a mortalidade. O modelo de Cox é uma generalização do método de Kaplan-Meier e permite lidar com dados censurados e não censurados.

Então, o modelo de riscos proporcionais de Cox também é usado para estimar os fatores associados ao evento de risco, ou seja, a saída da ocupação para o desemprego ou inatividade. O modelo de Cox é um modelo semiparamétrico no qual a função de risco não é especificada. De acordo com Cameron e Trivedi (2005), a taxa de risco condicional $\lambda(t|x)$ é dada pelo produto de dois fatores:

$$\gamma(t|x_i\beta) = \gamma_0(t)\phi(x_i\beta) \quad (7)$$

Onde $\gamma_0(t)$ é a função de risco base, que não é especificada, e $\phi(x, \beta)$ representa as covariáveis x . Assim, o modelo semiparamétrico é considerado com uma forma funcional não especificada para $\gamma_0(t)$ e com uma forma funcional específica para $\phi(x, \beta)$. Supondo a forma exponencial para $\phi(x, \beta)$, temos que:

$$\phi(x_i\beta) = \exp(x_j\beta) \quad (8)$$

Caso o j -ésimo regressor x_j aumente em um e os outros regressores não mudem, teremos:

$$\gamma(t|x_{novo}\beta) = \gamma_0(t) \exp(x_j\beta + \beta_j) = \exp(\beta_j) \gamma(t|x\beta) \quad (9)$$

O novo risco é dado por $\exp(\beta_j)$ vezes o risco original. Por isso, quando analisamos o modelo de Cox analisamos esse coeficiente exponencial para estimar as chances de sobrevivência.

Há ainda o modelo paramétrico⁴, que, assim como o de Cox, inclui os efeitos das covariáveis sobre a permanência e traz uma distribuição específica para a função de risco. Sendo possível então estimar o efeito das covariáveis por dois tipos de modelo, surge a questão de qual deles utilizar. Como os dados analisados não seguem uma distribuição conhecida, opta-

⁴ Os modelos paramétricos mais utilizados na literatura de sobrevivência são os de Weibull (Carrol, 2003), log-normal (McReaady, 2000) e exponencial (Lan e Lemmis, 2008), que consideram as respectivas distribuições dos dados

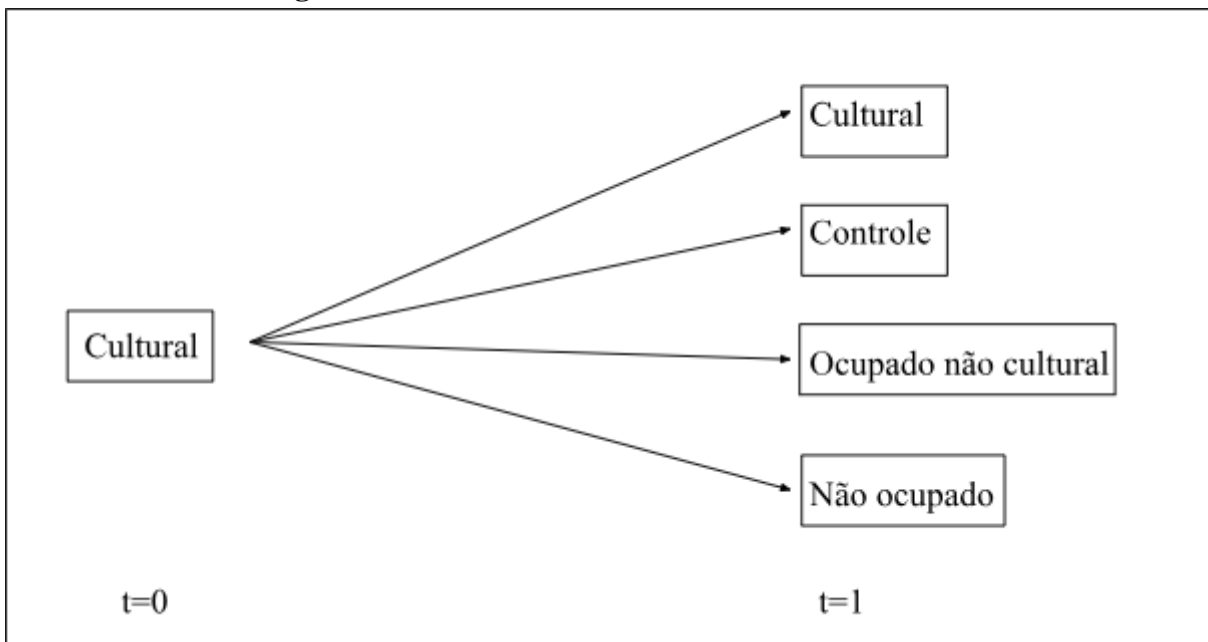
se pela utilização do modelo semiparamétrico de Cox, considerando ainda a quantidade limitada de informações disponíveis.

3.3 Acompanhamento dos egressos culturais – modelo de mobilidade

Além da análise dos efeitos dos auxílios emergenciais sobre os trabalhadores culturais e do modelo de sobrevivência, recorre-se a uma investigação adicional sobre o destino daqueles que deixaram de atuar no setor cultural durante o período da pesquisa. Compreender a trajetória desses profissionais é fundamental para avaliar as possíveis mudanças em suas ocupações e identificar os desafios enfrentados ao buscar novas fontes de renda ou inserção em outros setores da economia. É analisado se houve transição para áreas relacionadas à cultura ou se ocorreram movimentos para setores distintos, além de serem observadas as implicações dessa transição em termos de estabilidade e nível de remuneração.

Com o objetivo de entender as trajetórias dos trabalhadores que deixaram de atuar no setor cultural durante o período da pesquisa, é adotada uma abordagem de acompanhamento contínuo. Inicialmente, os indivíduos com ocupações culturais são identificados e marcados no primeiro mês do estudo. Ao longo dos meses subsequentes, esses trabalhadores são monitorados para determinar se permaneceram no setor cultural, migraram para o grupo de controle, se foram para ocupações não culturais ou por fim foram para o desemprego ou inatividade, conforme visualizado na Figura 1. Realiza-se um recorte em dois períodos do tempo quando abordada a mobilidade entre os grupos: (i) mobilidade do primeiro mês da pesquisa (maio) ao quarto mês (agosto) e (ii) de agosto até o último e sétimo mês da pesquisa (novembro).

Figura 2 - Mobilidade dos trabalhadores culturais



Fonte: elaboração própria

Para avaliar a transição dos culturais e seus determinantes é utilizado o modelo de escolha ocupacional por meio de um modelo Logit Multinomial (MNL). No MNL, é assumido que um determinado indivíduo i toma a decisão de escolha ocupacional j quando lhe gera o maior nível de utilidade entre as opções que são disponíveis, considerando o vetor X de suas características sociodemográficas, atributos relacionados ao mercado de laboral e aspectos regionais, conforme formalizado na Equação 7, sendo j os grupos culturais, controle, ocupados não culturais e não ocupados.

$$P_{ji} = Prob(Y_{ji} = 1 | X_i) = \frac{\exp(\beta_j' X_i)}{\sum_{k=1}^j \exp(\beta_k' X_i)}, \quad j = 1, \dots, 4 \quad (10)$$

A base do modelo é o indivíduo na ocupação cultural e a estimação considera a hipótese de independência das alternativas. Utiliza-se o método de VandeVen & VanPraag (1981) para testar e estimar os modelos de seleção amostral. Nele, a transição do trabalhador cultural, $y_2 = 1$, só ocorre quando há realização da escolha dessa posição como forma de inserção, $y_1 = 1$, em algum período anterior. A Equação 8 expõe a formalização do modelo, onde X , Z e W são os vetores de características sociodemográficas, atributos relacionados ao mercado de laboral e aspectos regionais, respectivamente.

$$\begin{aligned}
y_1 &= \begin{cases} 1 \text{ se } y_1^* = \beta X + u_1 > 0 \\ 0 \text{ caso contrário} \end{cases} \\
y_2 &= \begin{cases} 1 \text{ se } y_2^* = \beta Z + u_2 > 0 \\ 0 \text{ caso contrário} \end{cases} \\
y_3 &= \begin{cases} 1 \text{ se } y_3^* = \beta W + u_2 > 0 \\ 0 \text{ caso contrário} \end{cases}
\end{aligned} \tag{11}$$

Utilizando como categoria-base os trabalhadores culturais, é possível compará-la individualmente com cada uma das outras categorias definidas. É importante ressaltar que, ao estimar o modelo acima, pressupõe-se a independência das alternativas irrelevantes. Uma vez que se identificam os indivíduos mais propensos a sair do mercado de trabalho cultural, o interesse se volta para a avaliação daqueles que possuem menor probabilidade de permanecer no setor, ou seja, do setor cultural para outro setor ou para o desemprego ou para a inatividade. Com essa breve explicação sobre o MNL, espera-se ter um arcabouço que complemente os resultados das estimações do modelo de Cox.

3.4 Apresentação das variáveis

A análise estatística proposta utiliza variáveis explicativas da Tabela 3 nos modelos de sobrevivência e mobilidade. Nos dois modelos, espera-se que a interpretação dessas variáveis permita compreender como esses fatores influenciam a taxa de sobrevivência dos culturais e assim como os determinantes na definição de escolha de posições culturais (sendo que vale para o grupo de controle).

O sinal é indefinido para sexo na medida que existem resultados que apontam para a maior permanência para homens (Da Silva Henrique, Machado, Antigo, 2022; Frenette e Timothy, 2020), outros que indicam que há diferença significativa entre os sexos (Coulangeon, 2005) e além disso outros que apontam diferentes tempos de permanência entre os grupos culturais (Billie, Jensen, 2018). A imagem de um setor cultural mais compostos por jovens é corroborada pela literatura, que indica que indivíduos mais velhos tem menor permanência (Billie, Jensen, 2018; Da Silva Henrique e Machado, 2023).

Sobre a escolaridade, Billie, Jensen (2018) e Da Silva Henrique e Machado (2023) apontam que culturais com maior capital humano tem maiores chances de sobrevivência. Os dois estudos levam em consideração a educação artística, que, na PNAD Covid-19, não é relatada. Considera-se o acúmulo de capital humano, seja artístico ou não, como positivo para a permanência, considerando a vasta literatura que aponta a relação positiva para o mercado de trabalho geral (Barros, 1995; Menezes Filho, 2001). Brancos tem expectativa de permanecerem mais nas ocupações segundo os resultados de Da Silva Henrique e Machado (2023) e Frenette

e Timothy (2020). Não existe na literatura cultural estudos que abordam especificamente as diferenças entre chefes de domicílio e outras condições no domicílio. Dessa maneira, o efeito da característica sobre a permanência é indefinido.

O fato de ter um segundo trabalho é positivo para a permanência para escultores, pintores e outros culturais com ocupações semelhantes (Billie e Jensen, 2018). Como o resultado para os outros tipos de ocupações culturais não foi significativo e a literatura não mostra mais resultados, assume-se o sinal positivo para os indivíduos que possuem mais de um trabalho. Em Da Silva Henrique e Machado (2023), é posto que os músicos que contribuíram para a seguridade social tiveram maior tempo de permanência, podendo ser considerado como uma proxy para ocupações formais. Assim, espera-se que as ocupações que agregam esse recorte, setor privado e setor público, tenha uma sobrevivência maior. Os autores também observam que os indivíduos que não experimentaram redução na renda apresentaram uma permanência mais prolongada. Essa constatação, combinada com a relação positiva entre a renda e os ocupados culturais destacada por Steiner e Schneider (2013), sugere que uma renda mais elevada tende a estar associada a uma maior estabilidade ocupacional. Na literatura não se um efeito direto das horas trabalhadas sobre a sobrevivências dos culturais, tendo que o efeito dessa característica também é incerto sobre a satisfação, não se espera previamente nenhum sinal.

O recebimento de auxílios, mesmo que em contextos diferentes da pandemia, é importante para a permanência e para a quantidade de horas de trabalho cultural ofertadas (Billie, Loyland, Holm, 2017). Dessa maneira, espera-se que os indivíduos que receberam o auxílio tenham uma permanência maior do que os que não receberam. Goés et al (2020) ressaltam o potencial de teletrabalho das ocupações cultural, indicando ser maior do que outros setores da economia, realmente encontrando uma maior parcela de pessoas fazendo teletrabalho no setor cultural do que no restante da economia. Esse resultado também é encontrado para o recorte realizado na presente pesquisa. Assim, espera-se que os indivíduos culturais que realizaram teletrabalho permanecem em seus postos pela capacidade de exercer suas atividades de casa ainda complementado pelo fato que possuem uma maior capacidade de trabalhar de casa que o restante da economia.

Quadro 4 - Definição das covariáveis

Variável	Descrição	Sinal esperado para permanência no setor cultural
Sexo	Binária com o valor de 1 para homens e 0 para mulheres	Indefinido (Billie, Jensen, 2018; Da Silva Henrique, Machado, 2023; Frenette, Timothy, 2020, Coulangeon (2005))
-18 a 24 anos -25 a 34 anos -35 a 44 anos -45 a 54 anos -55 a 64 anos -65 anos ou mais	Variáveis categóricas para as faixas de idade	Negativo para indivíduos mais velhos (Billie, Jensen, 2018; Da Silva Henrique e Machado, 2023)
-Fundamental incompleto -Médio incompleto -Médio completo -Superior incompleto -Superior completo	Variáveis categóricas para escolaridade	Positivo para níveis superiores (Menezes Filho, 2001; Barros 1995)
Cor	Binária com o valor de 1 para brancos e 0 para não brancos	Positivo (Da Silva Henrique e Machado, 2023; Frenette e Timothy, 2020)
Condição no domicílio	Binária com o valor de 1 para chefes de família e 0 c.c.	Indefinido
Mais de um trabalho	Binária com o valor de 1 para indivíduos com mais de 1 trabalho e 0 c.c.	Positivo (Billie, Jensen, 2018)

-Autônomo -Empregador -Setor privado -Setor público -Outros	Variáveis categóricas para posição na ocupação	Positivo para setor público e setor privado negativo para Autônomos e empregadores (Da Silva Henrique, Machado, 2023)
-Até 19 horas -20 a 40 horas -40 a 44 horas -Mais de 44 horas	Variáveis categóricas para as horas trabalhadas por semana	Indefinido (Steiner, Schneider, 2013)
-Menos de meio 1 S.M. -Meio a 1 S.M. -1 a 2 S.M -2 a 3 S.M -3 a 5 S.M -5 S.M. ou mais	Variáveis categóricas para o rendimento mensal	Positivo (Steiner, Schneider, 2013; Da Silva Henrique e Machado, 2023)
Recebeu auxílio	Binária com o valor de 1 para indivíduos que receberam Auxílio Emergencial e/ou Auxílio pela lei Aldir BlancB e/ou outro auxílio relacionado a pandemia 0 c.c.	Positivo (Billie, Loyland, Holm, 2017)
Realizou teletrabalho	Binária com o valor de 1 para indivíduos que fizeram teletrabalho e 0 c.c.	Positivo (Goés et al., 2020)
Urbano	Binária com o valor de 1 para urbano e 0 c.c.	Positivo (Diniz, Machado, 2009; Neto, Perobelli, 2012)
-Centro-Oeste -Norte -Nordeste -Sul -Sudeste	Variáveis categóricas para as grandes regiões brasileiras	Positivos para regiões Sudeste e Sul. (Itaú, 2020)

Fonte: Elaboração própria.

Um ponto importante da análise é a investigação sobre o efeito do recebimento dos auxílios emergenciais sobre a permanência nas ocupações culturais. Nesse sentido é encontrado mais um desafio imposto pela PNAD – Covid 19, já que a pesquisa não permite distinguir especificamente qual auxílio foi recebido pelo indivíduo, seja ele Auxílio Brasil, Auxílio Emergencial ou o próprio Auxílio via Aldir Blanc. Todos os benefícios são compilados em duas variáveis, nas quais os indivíduos declaram se receberam algum tipo de auxílio emergencial via pandemia (se diferindo dos auxílios de benefícios regulares como o Bolsa Família) e a soma desses auxílios recebidos.

Espera-se que regiões urbanas sejam maiores consumidores, em proporção, em relação às áreas não urbanas, sendo os setores mais estruturados em regiões mais aglomeradas e com maior renda (Diniz e Machado, 2009; Neto e Perobelli, 2012). Pesquisa conjunta do Itaú Cultural e DataFolha revelou que Norte e Nordeste tiveram menor participação em atividades culturais durante a pandemia, atribuída em parte à baixa penetração digital, limitando o acesso a produtos culturais online.

4. RESULTADO DAS ESTIMAÇÕES

Após a argumentação teórica e a apresentação do arcabouço metodológico, os resultados são apresentados em três seções. A primeira seção apresenta as estatísticas descritivas, fornecendo um panorama geral dos dados. A segunda seção estuda a permanência nos postos por meio de modelos de sobrevivência, e a terceira seção estuda as transições (ou não) e suas motivações por meio do MNL. Ambas as seções são divididas em três análises, considerando os grupos ocupacionais em foco.

4.1 Estatísticas descritivas

Antes de entrar nas estimações, são exploradas as estatísticas descritivas dos três grupos de análise: culturais, controle e ocupados não culturais, presentes na Tabela 1. O objetivo dessa seção é retratar os recortes a partir da visualização das variáveis que formam cada um. De início, nota-se que os culturais são os que apresentam a maior participação de mulheres, representando 60% do grupo. Os culturais apresentam maiores parcelas entre as faixas de idade mais jovens, sendo consideravelmente mais novos em relação aos outros grupos. Metade dos indivíduos com ocupações no setor são brancos, o que é mais alto do que os ocupados não culturais (47,9%) e mais baixo que o grupo de controle (53,5%).

Os ocupados culturais são mais escolarizados, tendo menos indivíduos com sem ensino fundamental e médio em relação ao grupo de controle e especialmente entre os não ocupados não culturais. A maioria dos indivíduos em todos os recortes não é de chefes de domicílio, com resultados médios próximos para essa variável mostrando como para essa característica a distribuição é semelhante.

Menos de 10% dos indivíduos entrevistados pela PNAD Covid-19 tinham mais de 1 trabalho, sendo os culturais com a maior participação (8,8%), tendo os outros dois grupos com resultados um pouco abaixo (6%). Para a posição na ocupação, é interessante notar que 89,2% dos culturais são autônomos. Por ter quase 9 em cada 10 trabalhadores autônomos, pode-se dizer que informalidade no setor é muito grande e muito maior em comparação aos outros dois grupos. Outro resultado importante é que o setor privado é o que tem menos participação da mão de obra para todos os grupos em questão.

Os culturais trabalharam, em média, menos em relação ao grupo de controle e aos ocupados não culturais. Enquanto o restante da economia trabalhava quase 40 horas, os culturais tiveram cerca de 26 horas semanais de trabalho. Em relação aos rendimentos, os

culturais receberam consideravelmente menos, em média, em todos os meses da pesquisa, como é apresentado na Figura 4.

Os auxílios abrangeram mais os culturais, considerando que 56% receberam algum tipo de auxílio durante a realização da pesquisa. Esse valor é considerável visto que, para os outros grupos, a parcela foi de 44%. Esse resultado também pode ser observado na Figura 3, onde pode-se ter a dimensão do recebimento de auxílios emergenciais ao longo da pesquisa. O grupo dos culturais é o que mais recebe, sendo que a partir de junho, segundo mês da pesquisa, mais da metade do grupo recebia algum tipo de auxílio. É interessante notar também que a partir de setembro se tem um aumento da parcela do grupo que recebia auxílio, o que é esperado visto que os repasses da Lei Aldir Blanc Emergencial começaram a ser distribuídos a partir desse mês. Trabalhadores do grupo de controle foram os que mais tiveram inserção no trabalho remoto, com mais de 10% exercendo teletrabalho em algum momento da pesquisa. A parcela entre os culturais ficou próxima do restante da economia. Por fim, passando pelas variáveis regionais, os grupos culturais e o de controle residem nas áreas urbanas (cerca 10 p.p. a mais) em relação aos ocupados não culturais. Para as regiões, os grupos seguem distribuições semelhantes, com predominância de indivíduos do Sudeste. A soma dos percentuais das regiões não chega a 1 porque existem alguns indivíduos com essa característica não informada.

Cerca de 42% dos profissionais do setor cultural trabalham mais de 40 horas por semana, evidenciando uma realidade onde a jornada estendida é comum. Esse fenômeno pode ser compreendido à luz da concepção do setor cultural como intrinsecamente associado ao excesso de mão de obra, conforme observado por Rosen (1972). Além disso, outro indicativo dessa discrepância entre oferta e demanda de trabalhadores artísticos é a maior proporção de profissionais culturais que recebem até meio salário mínimo em comparação a outros grupos profissionais.

A distribuição por faixa etária surpreende ao revelar uma tendência distinta em relação à literatura existente. Enquanto estudos como os de Billie e Jensen (2018) e Da Silva Henrique, Machado e Antigo (2023) apontam para uma predominância de jovens no mercado cultural, os dados da Pnad Covid-19 indicam que 46% dos profissionais do setor cultural têm mais de 35 anos.

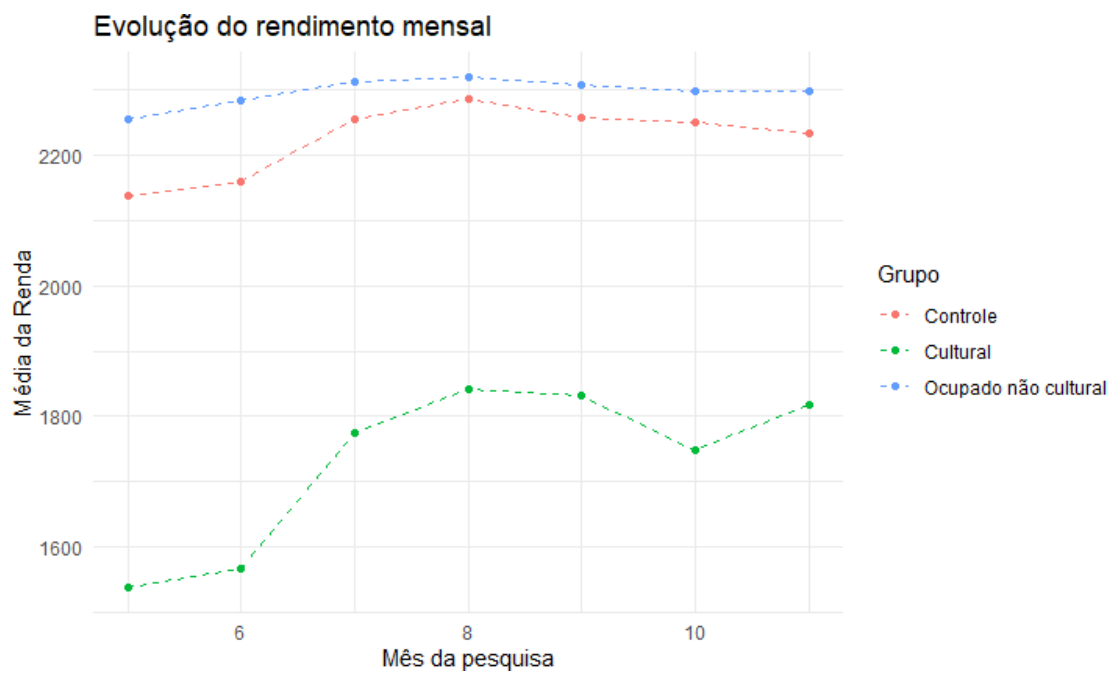
Tabela 1 - Estatísticas descritivas PNAD Covid -19 (período de maio a novembro de 2020)

Variável	Culturais		Controle		Ocupados não culturais	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Sexo (homens)	0,40	0,49	0,47	0,49	0,56	0,49
18 a 24 anos	0,08	0,14	0,11	0,41	0,09	0,24
25 a 34 anos	0,21	0,19	0,24	0,09	0,21	0,09
35 a 44 anos	0,22	0,09	0,24	0,34	0,27	0,17
45 a 54 anos	0,21	0,17	0,20	0,17	0,23	0,34
55 a 64 anos	0,22	0,34	0,15	0,19	0,14	0,24
65 anos ou mais	0,03	0,11	0,03		0,03	0,09
Cor (Branco)	0,50	0,50	0,53	0,49	0,47	0,50
Fundamental incompleto	0,08	0,01	0,13	0,36	0,21	0,09
Médio incompleto	0,13	0,34	0,13	0,10	0,14	0,34
Médio completo	0,38	0,14	0,33	0,19	0,31	0,19
Superior incompleto	0,17	0,17	0,11	0,34	0,07	0,26
Superior completo	0,22	0,09	0,28	0,17	0,24	0,25
Condição no domicílio (chefe)	0,47	0,50	0,46	0,49	0,48	0,50
Mais de um trabalho	0,08	0,28	0,06	0,24	0,06	0,24
Autônomo	0,89	0,09	0,45	0,09	0,30	0,34
Empregador	0,01	0,10	0,03	0,17	0,03	0,14
Setor privado	0,004	0,11	0,49	0,54	0,07	0,10
Setor público	0,07	0,17	0,01	0,05	0,04	0,22
Outros	0,001	0,01	0,001	0,10	0,16	0,09
Até 19 horas	0,18	0,29	0,06	0,09	0,04	0,22
20 a 40 horas	0,38	0,19	0,22	0,41	0,19	0,14
40 a 44 horas	0,34	0,25	0,56	0,19	0,57	0,25
Mais de 44 horas	0,08	0,20	0,14	0,24	0,18	0,09
Menos de meio 1 S.M.	0,19	0,41	0,13	0,25	0,09	0,17
Meio a 1 S.M.	0,27	0,09	0,15	0,14	0,13	0,11
1 a 2 S.M	0,31	0,14	0,39	0,34	0,43	0,19
2 a 3 S.M	0,10	0,38	0,12	0,09	0,15	0,41
3 a 5 S.M	0,07	0,34	0,10	0,11	0,01	0,14
5 S.M. ou mais	0,04	0,10	0,08	0,10	0,07	0,11
Recebeu auxílio	0,56	0,49	0,42	0,49	0,42	0,49
Realizou teletrabalho	0,10	0,30	0,15	0,35	0,45	0,43
Urbano	0,90	0,291	0,92	0,27	0,79	0,43
Centro-oeste	0,15	0,34	0,09	0,06	0,11	0,27
Nordeste	0,14	0,11	0,14	0,09	0,14	0,09
Norte	0,05	0,17	0,03	0,17	0,05	0,17
Sudeste	0,24	0,19	0,26	0,44	0,28	0,34
Sul	0,09	0,25	0,13	0,41	0,25	0,19

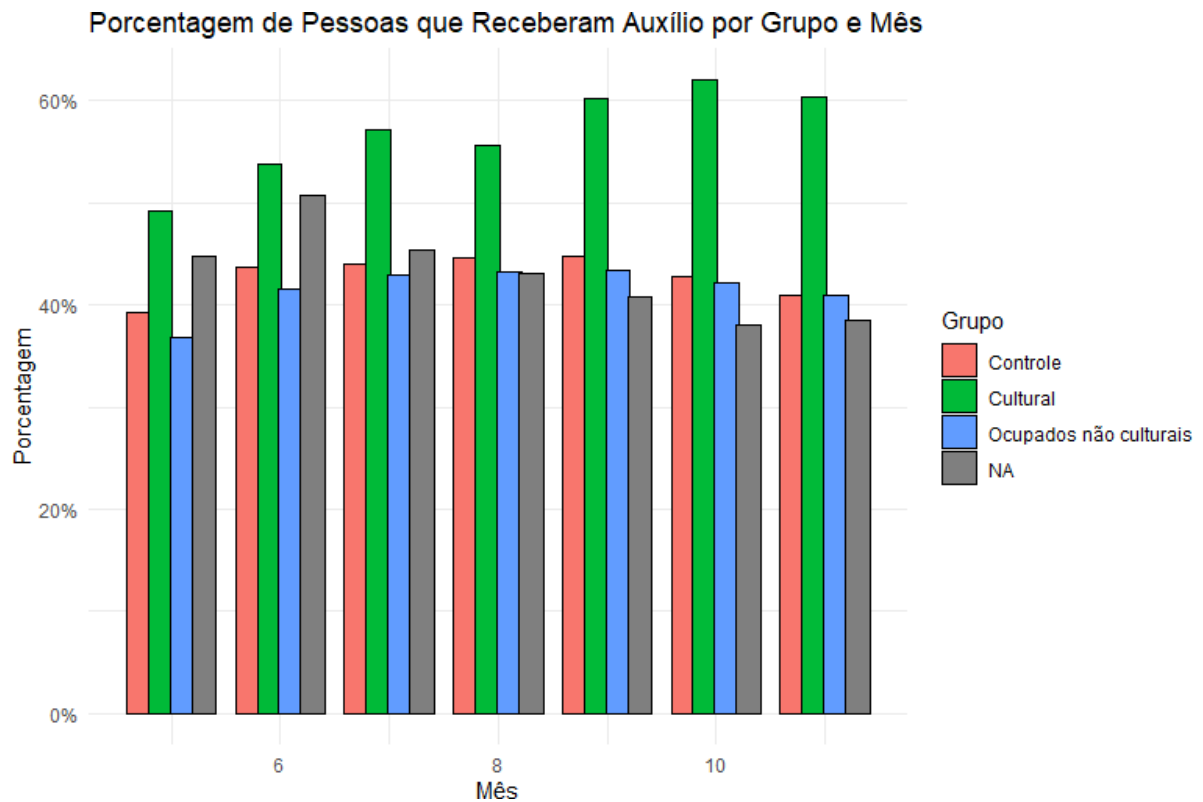
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Na Figura 4 é apresentado a evolução dos rendimentos dos grupos ao longo da pesquisa. Houve uma elevação geral do rendimento médio a partir de junho de 2020, podendo indicar o início da reestruturação e adequação da economia pós o choque inicial da pandemia da Covid-19. Os ocupados culturais recebem consideravelmente menos em relação ao grupo de controle e aos ocupados não culturais. Esse panorama é interessante uma vez que Neto, Freguglia e Farjado (2012) e Machado, Rabelo e Moreira (2014) relatam que os culturais recebem mais do que os trabalhadores não culturais. Logo, o resultado pode indicar uma mudança de tendência, representar um recorte extraordinário quanto as condições socioeconômicas ou ressaltar as diferenças da definição do grupo cultural entre os trabalhos.

Figura 3 - Panorama dos rendimentos dos grupos analisados



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Figura 5 - Recebimento de auxílio por grupo

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Os resultados das estatísticas descritivas da PNAD Covid-19 se diferem de algumas formas do SIIC (2020), que leva em consideração a PNAD C. Alguns resultados diferentes dos apresentados para o perfil dos ocupados culturais são: 50% do setor são mulheres e 31% possuem ensino superior completo. A parcela de não brancos é similar, com 44% dos ocupados. Essa comparação é válida para reforçar a ideia de que o recorte do setor cultural realizado por meio da PNAD Covid-19 é diferente do que se costuma analisar para os culturais brasileiros.

4.2 Tempo de permanência e fatores associados à sobrevivência

O objetivo dessa seção é analisar o efeito das variáveis explicativas escolhidas para a permanência dos trabalhadores em seus postos durante os sete meses de realização da pesquisa, recorrendo aos resultados do modelo de Kaplan Meier. Relembrando, o momento inicial – “mês 0” – é quando todos os indivíduos estão carregados com 100% de sobrevivência e, ao longo do período, ou seja, os sete meses nos quais os indivíduos responderam à pesquisa, a probabilidade

de sobrevivência (i.e., permanência em seu posto de trabalho original) sofre variações considerando as diferentes variáveis escolhidas. É importante ressaltar que essa estimação é univariada, não considerando o efeito individual das covariáveis.

A análise de sobrevivência ocorre em três partes: (i) análise dos culturais, (ii) do grupo de controle e (iii) ocupados não culturais. Dessa maneira, é possível, além de observar os resultados de cada grupo individualmente, alcançar evidências para fazer um comparativo dos resultados do setor cultural com seus similares escolhidos no grupo de controle, além de se ter uma dimensão geral da amostra.

4.2.1 Culturais

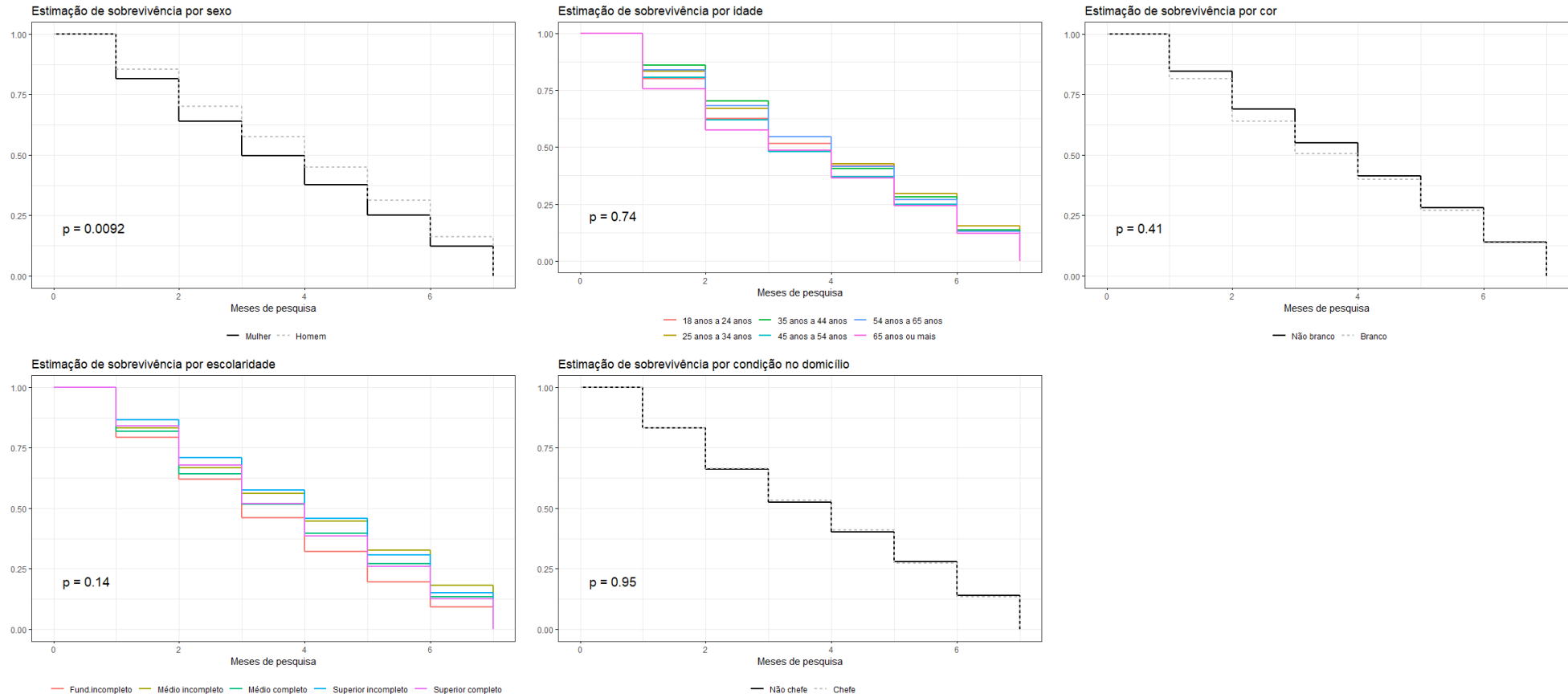
As estimações sobre as características sociodemográficas dos culturais estão apresentadas na Figura 4, onde pode-se observar que os homens tiveram tempo de permanência maior do que a das mulheres. As faixas etárias que apresentaram o menor tempo médio de sobrevivências foram as duas extremas (18 a 24 anos e 65 anos ou mais), sendo os grupos com menores probabilidades de sobrevivência durante a análise. Esse resultado pode ser entendido como uma fragilidade dos mais jovens em se consolidar no mercado de trabalho e na sua maior informalidade, como aponta Snowball e Hadisi (2020) e a para os mais velhos a dificuldade de se adaptar às inovações, considerando as mudanças forçadas ocasionadas pelo isolamento social, além de outras questões, como a saída voluntária do mercado de trabalho para a aposentadoria.

Pessoas não brancas que ocupam postos culturais apresentaram uma probabilidade de sobrevivência maior do que pessoas brancas, indo na direção oposta ao observado na literatura (Da Silva Henrique, Machado, 2023; Frenette, Timothy, 2020). Essa diferença pode ser explicada pelas características dos artesãos, sapateiros e costureiros. Essas ocupações têm presença importante de pessoas não brancas e, como em sua maioria, são pequenas produções ou até individuais, esses indivíduos permanecem em seus postos, mesmo com a queda da demanda e pela dificuldade de transição outras ocupações (Santos et al., 2010). Em relação à escolaridade, os culturais com fundamental incompleto são os que tem as menores probabilidades de permanência durante a pesquisa, além de ter o menor tempo médio de sobrevivência. Fica claro, então, como indivíduos mais escolarizados permaneceram mais em seus respectivos postos, mas isso não é uniforme considerando os maiores níveis de escolaridade. Culturais com ensino superior completo tem tempo médio de permanência menor

do que os com médio incompleto, o que pode indicar uma saída voluntária do mercado de trabalho, possibilitada por algum tipo de poupança.

O que se pode inferir desse resultado é que os grupos com maior escolaridade tiveram permanência maior entre os culturais durante a pandemia, mas até um certo ponto, pois indivíduos com ensino superior completo podem ter saído de maneira voluntária, por possuir reservas financeiras ou por buscar outros postos de trabalho. Por fim, chefes de domicílios tiveram uma permanência muito próxima em relação às outras condições de domicílio (não chefes), o que pode ser visto na Figura 5 com as duas curvas quase justapostas ao longo dos meses e com os tempos médios de permanência muito similares.

Figura 4 - Estimções de sobrevivência por características sociodemográficas dos culturais



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Passando para as variáveis relacionadas ao mercado de trabalho, que são expostas na Figura 6, percebe-se que os culturais com apenas um trabalho tiveram tempo de sobrevivência maior em comparação àqueles que conciliavam mais de uma atividade. Billie e Jensen (2018) indicam que ter um segundo trabalho é positivo para a permanência de escultores e pintores, não encontrando resultados significativos para outras ocupações culturais. É uma das características do setor cultural a presença de indivíduos que busquem conciliar mais de uma atividade para poderem continuar exercendo a atividade cultural (Bille, Loyland, Holm 2017; Casacuberta, Gandelman, 2012). Logo, em um momento de instabilidade como foi o ano de 2020, os culturais que exerciam duas ocupações talvez tenham tido que abdicar da sua ocupação cultural com menor remuneração do que atividades não culturais, o que pode ser uma explicação para o resultado mencionado.

As posições de ocupação com menor tempo de sobrevivência foram os autônomos e empregadores, muito em vista da crise sanitária global que impactou ainda mais os pequenos produtores e levou o setor cultural a se tornar um dos mais atingidos pelo isolamento social necessário na época. Fato de informais terem menos chances de permanecerem nas ocupações é algo que já foi evidenciado por Bille e Jensen (2018) e Da Silva Henrique e Machado (2022). Culturais lotados no setor público foram mais “protegidos” em relação aos seus pares do setor privado, no qual o Estado teve capacidade de manter seus ocupados em maior grau do que os agentes privados.

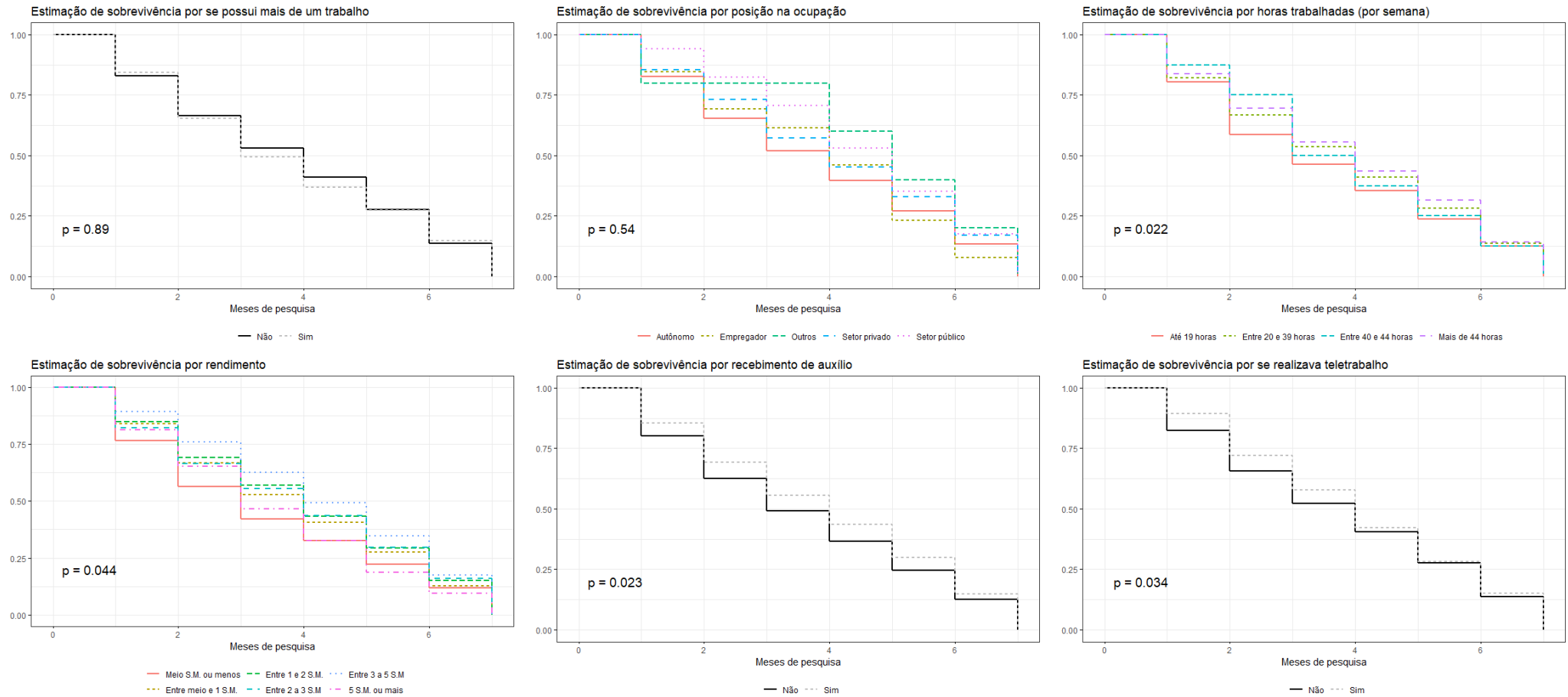
Quanto mais horas trabalhadas, maior o tempo de permanência dos culturais, como pode ser visto no gráfico da covariável na Figura 5. Postos de trabalho com menor carga horária em sua maioria tem relevância menor (trabalho por projeto, meio período etc.), o que se torna mais suscetível a desligamento do que postos com mais horas semanais, que passam a ter contrato de trabalho, dedicação exclusiva e outros fatores que tornam mais custoso o desligamento por parte de quem emprega e para o empregado, que considera a decisão de sair do posto diante de um cenário de incerteza e crise.

Em relação à faixa de renda, o que se observa é que os culturais que recebem acima de meio salário-mínimo permanecem mais tempo, sendo o grupo que recebe entre 3 e 5 salários-mínimos o com maior tempo médio de permanência. Contudo, é interessante notar como o grupo mais bem remunerado (5 S.M. ou mais) apresenta tempo médio de sobrevivência próximo ao grupo com pior remuneração (meio S.M. ou menos). Os melhores remunerados tiveram as menores chances de sobrevivência entre todos os grupos nos três últimos meses da pesquisa, conforme visto em Figura 5. Esse resultado pode trazer explicações semelhantes ao

da análise de escolaridade, onde culturais mais qualificados (no caso mais bem remunerados), tem maior margem para trocas de postos e/ou recorrer a reservas financeiras.

Os culturais que receberam algum auxílio emergencial decorrente da pandemia tiveram tempo de permanência maior em relação aos que não receberam, durante todos os meses da pesquisa. Assim, é corroborada a ideia de que auxílios são importantes para a oferta de trabalho cultural, como indicado em Billie, Loyland, Holm (2017). É interessante fazer a relação com o modelo de bem estar social, dentro do contexto abordado pelos autores, mais especificamente nos países nórdicos. Nele, os repasses do governo se fazem mais presentes o que possibilita a emergência de novos músicos e inovações no setor cultural. Esse era um dos resultados esperados pela política do Governo Federal, alcançando resultado positivo no setor cultural. O efeito da implementação da Lei Aldir Blanc em setembro, quinto mês da pesquisa, não foi observado na estimação. Os trabalhadores fizeram teletrabalho também tiveram uma permanência muito maior frente aos que não tiveram possibilidade ou oportunidade. Esse resultado mostra que aqueles que foram capazes de se adaptar e tiveram oportunidades de exercer o trabalho de casa conseguiram permanecer em seus postos por mais tempo, complementando o que foi colocado por Goés et. al (2020) referente a capacidade de transição para o trabalho remoto dos culturais.

Figura 5 - Estimções de sobrevivência por características laborais dos culturais



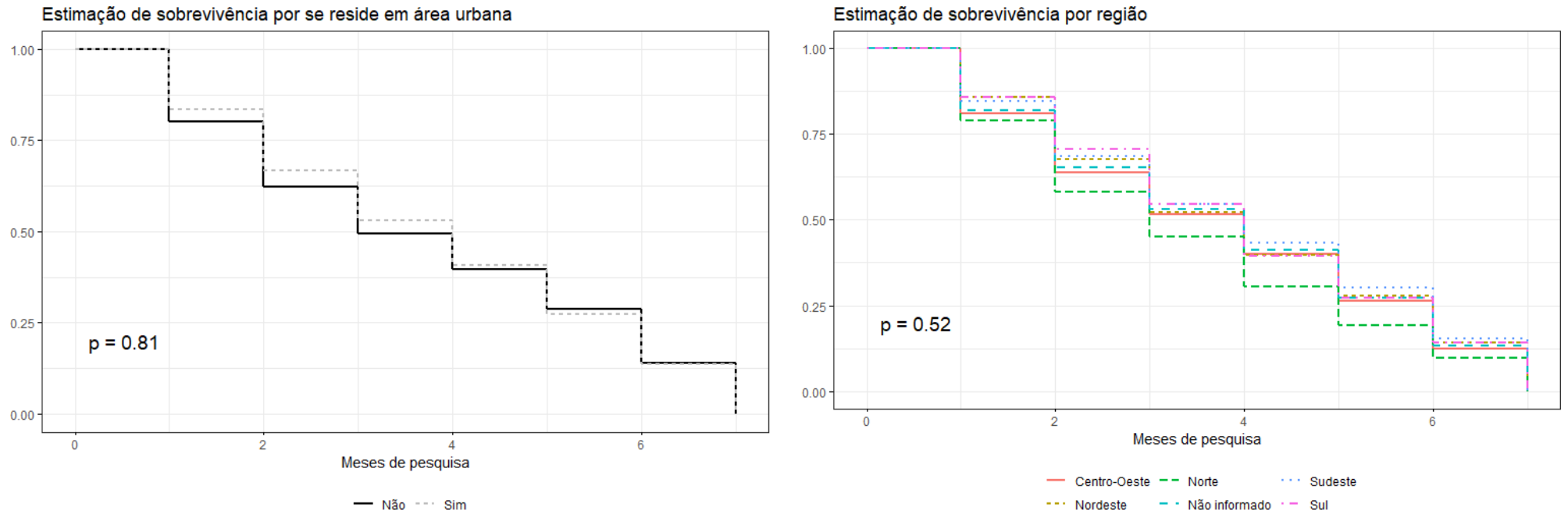
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

As variáveis regionais mostram, primeiramente, que os culturais residentes em áreas urbanas têm um tempo médio de sobrevivência maior do que os que estão em áreas não urbanas. Isso pode ser explicado pela maior estruturação dos centros urbanos, ainda mais acentuado para a cena cultural, onde podem ser encontradas mais possibilidades e um setor mais desenvolvido de forma geral (Neto, Perobelli, 2012). Para as regiões do país, a Norte é que apresenta os indivíduos com menor tempo de sobrevivência durante todos os meses da pesquisa, o que pode ser resultado da baixa infraestrutura para acomodar profissionais culturais, e baixo perfil de consumo na região durante o período pandêmico (Itaú, 2020).

Em suma, são destacados alguns resultados para as estimações de sobrevivência dos culturais. Não brancos terem permanência maior que brancos é um resultado não esperado considerando o que já foi apresentado na literatura. Isso pode ser uma decorrência da definição de setor cultural utilizada que, pelo ineditismo da base de dados, pode considerar um grupo racial distinto e mais abrangente do que uma ocupação cultural específica como é abordado em Da Silva Henrique e Machado (2023). Indivíduos mais escolarizados e com maior renda apresentaram curvas de permanência inferiores às faixas inferiores, o que pode ser o indicativo de uma saída voluntária para se preservarem diante do contexto de insegurança sanitária da pandemia.

Os autônomos formam quase 90% do grupo dos culturais e tiveram o menor tempo de permanência entre as posições de ocupações. As referências na literatura (Billie, Loyland, Holm 2017) de que auxílios e distribuição de renda para artistas é positivo para a oferta de trabalho cultural é validada pelo modelo de sobrevivência. O mesmo ocorre com a realização de trabalho remoto, o que pode ter permitido muitos serviços originalmente presenciais serem feitos sem sair de casa e assim manterem-se ocupados.

Figura 6 - Estimções de sobrevivência por características regionais dos culturais



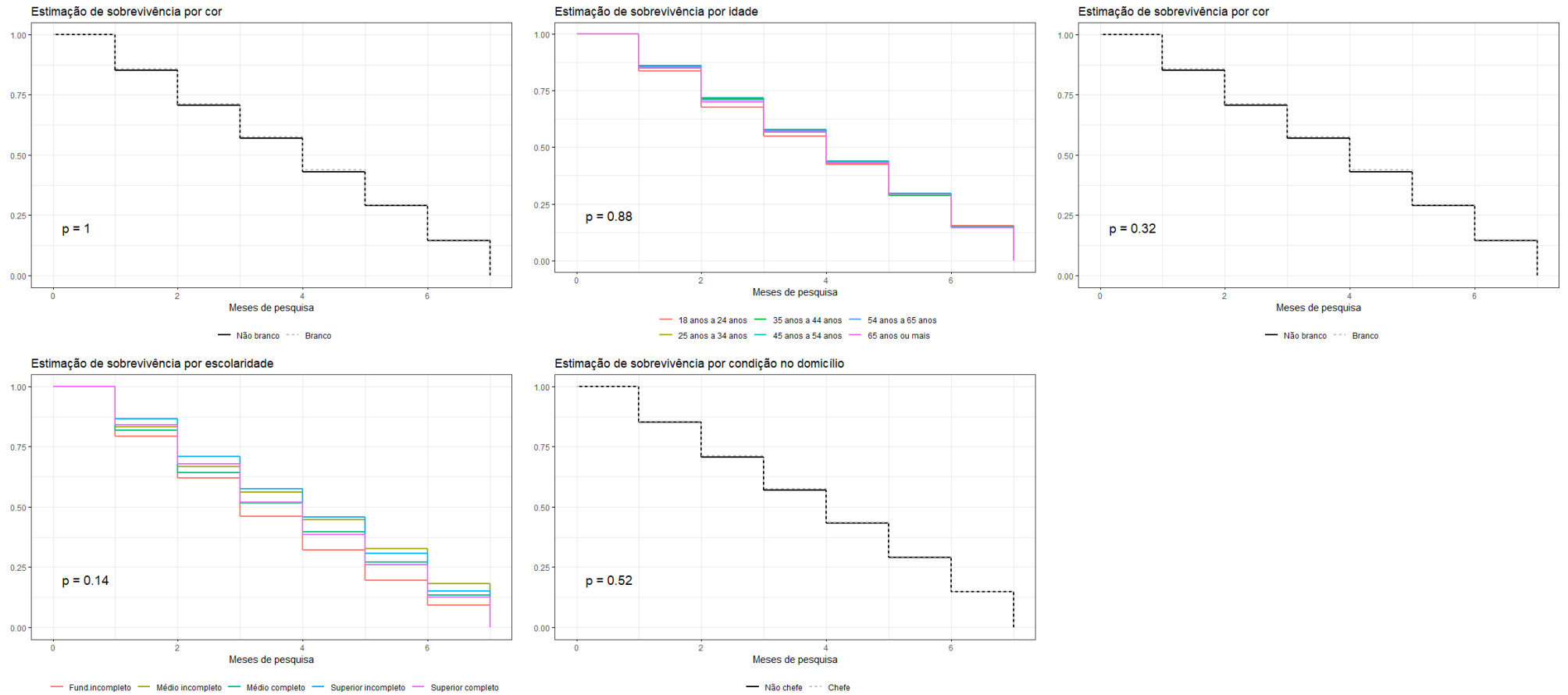
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

4.2.2 Controle

Seguindo a mesma dinâmica para a análise dos culturais, analisa-se agora os indivíduos presentes no grupo de controle, que, em teoria, tem características similares com os culturais. Começando também pelas características sociodemográficas, apresentadas na Figura 7, os homens registram um tempo de permanência maior do que as mulheres, mesmo que a diferença das curvas durante os meses tenha sido bem próxima. Esse resultado é contrário à estimação para os culturais e o que é esperado para o setor cultural segundo os resultados de Billie, Jensen, 2018; e Da Silva Henrique e Machado, 2023

Os indivíduos brancos têm uma média de sobrevivência um pouco maior do os demais, mas com probabilidades bem próximas durante todos os meses da pesquisa. Ao que parece, não há uma diferença de cor para a permanência do grupo de controle, diferentemente dos culturais, onde os não brancos permanecem mais tempo. Assim como nos casos dos culturais, os indivíduos do grupo de controle mais escolarizados sobrevivem por mais tempo no posto e não houve muita distinção entre chefes e não chefes de domicílio.

Figura 7 - Estimções de sobrevivência por características sociodemográficas do grupo de controle



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

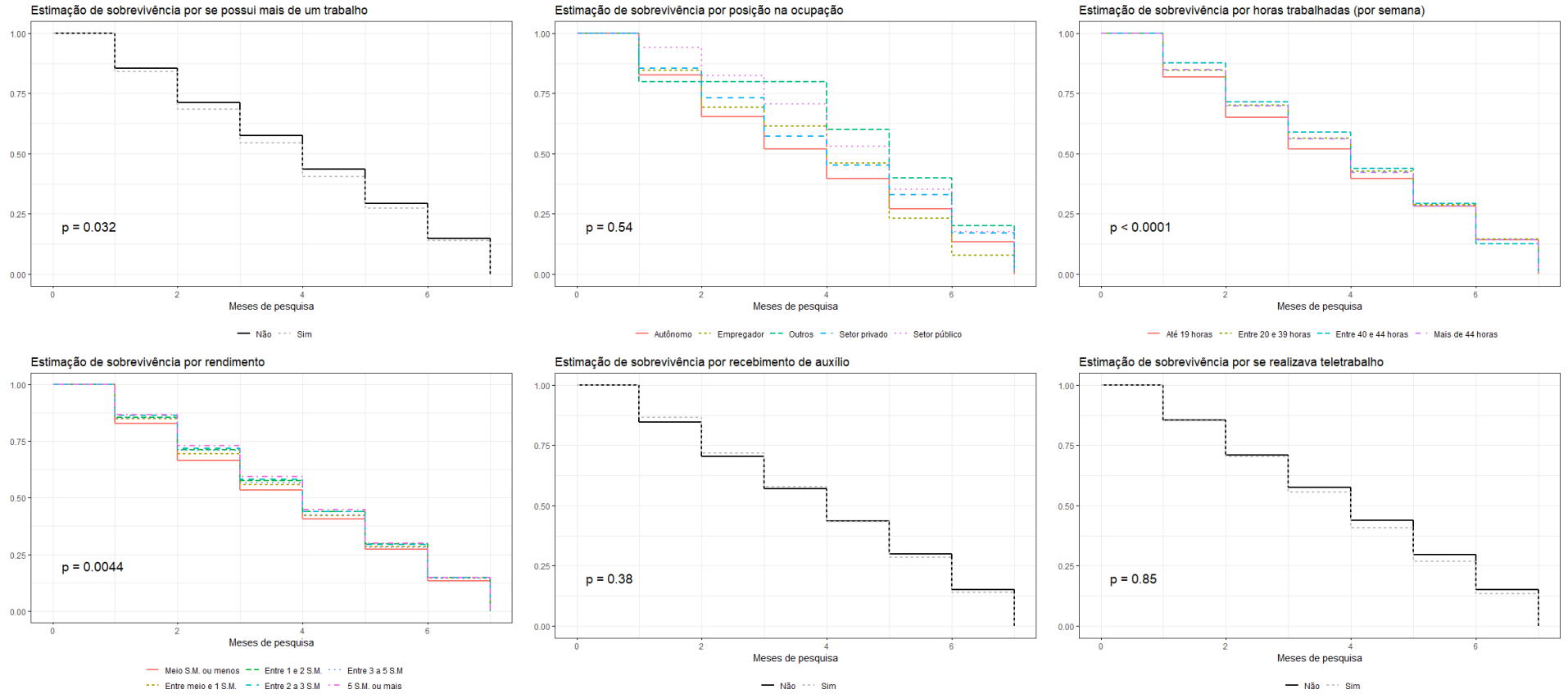
A Figura 8 traz as características laborais do grupo de controle onde é interessante notar que o tempo médio de sobrevivência dos trabalhadores do setor privado e do setor público são exatamente iguais, com curvas de permanência muito próximas ao longo dos meses, o que pode ser resultado de um setor do grupo de controle mais uniforme no quesito às posições.

Os indivíduos do grupo de controle com menos de 19 horas trabalhadas foram os que tiveram probabilidades de sobrevivência notoriamente menor até o 5º mês da pesquisa, também registrando o menor tempo médio de permanência em seus postos. Nas demais faixas de horas trabalhadas, os resultados são próximos, com grupo com a faixa de 40 a 44 horas tendo a maior probabilidade de permanência ao longo do período em questão, o que pode ser uma consequência similar com a citada para os culturais, indivíduos em postos com mais horas tendem a ser mais formalizados, registrando, assim, um maior custo de desligamento, tanto monetário quanto institucional.

As estimações acerca das faixas de rendimento do grupo de controle são bem heterogêneas, com as curvas de sobrevivências se interceptando ao longo dos meses, como pode ser visto nas curvas de sobrevivência com este recorte. Os indivíduos que recebem menos de um salário-mínimo são os que apresentam menor valor, enquanto os mais bem remunerados são os que dotam de maior média de meses de permanência, não observando uma diminuição nessa faixa como ocorreu no recorte dos culturais. Tal resultado pode ser explicado pela fragilidade e fácil substituição de postos com baixas remunerações e pela maior formalidade entre os permanentes.

O recebimento de auxílios relacionados à pandemia foi um fator positivo para os indivíduos do grupo de controle. Esse é mais um indício de que a política emergencial de distribuição de renda do governo federal foi eficaz para a permanência de trabalhadores em seus postos durante a crise econômica e sanitária da pandemia da covid-19. Trabalhadores que exerceram teletrabalho também permaneceram mais tempo, ressaltando como o fator de adaptação às condições de isolamento foram um fator chave para a sobrevivência nas ocupações durante a pandemia.

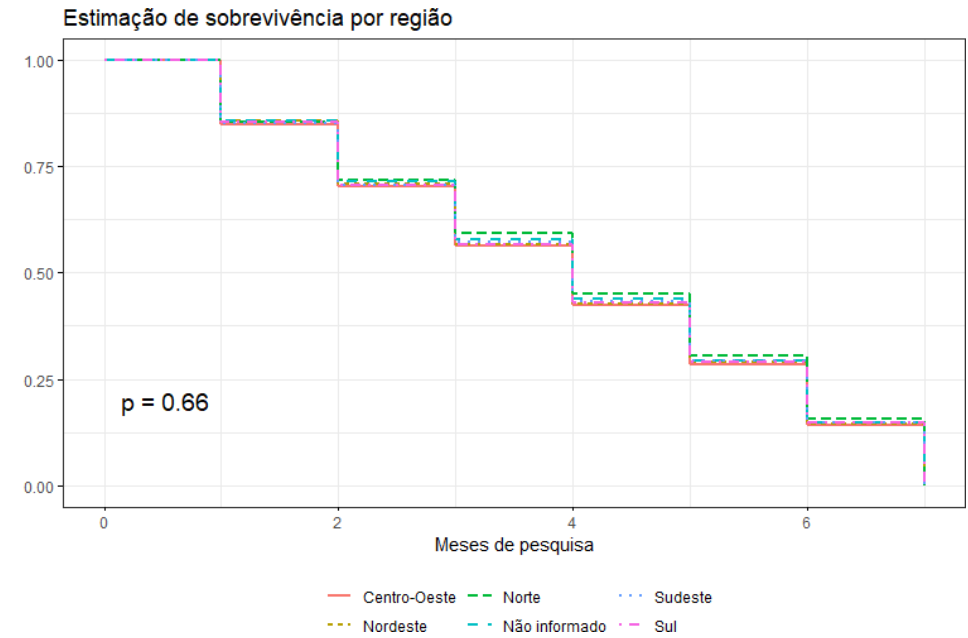
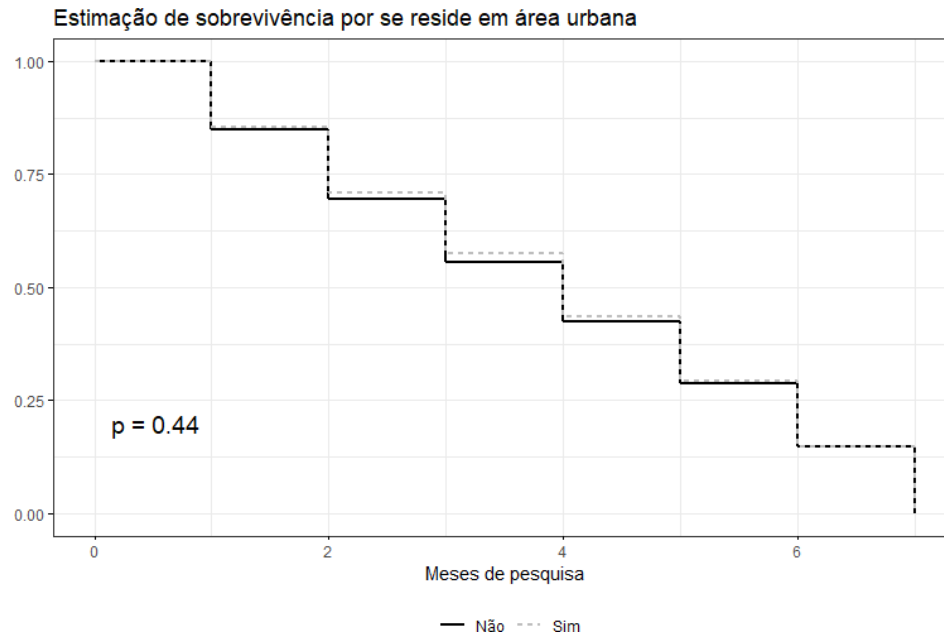
Figura 8 - Estimções de sobrevivência por características laborais do grupo de controle



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Finalmente, as variáveis regionais mostram que indivíduos do grupo de controle que moram em áreas urbanas tem maior sobrevivência. Quanto às regiões, as estimativas de sobrevivência são heterogêneas. A região com maior tempo médio de sobrevivência é a Norte (sendo que no recorte cultural a região foi a com menor tempo médio de permanência), enquanto a com menor foi a Centro-Oeste. Assim, ao que parece, o aspecto urbano se apresenta como positivo para a permanência dos postos pela maior estrutura que os centros urbanos apresentam frente a fatores como maior informalidade dos postos em áreas não urbanas apresentam. Já as regiões do país registram resultados mais aleatórios e distintos frente aos resultados dos culturais.

Figura 9 - Estimções de sobrevivência por características regionais do grupo de controle



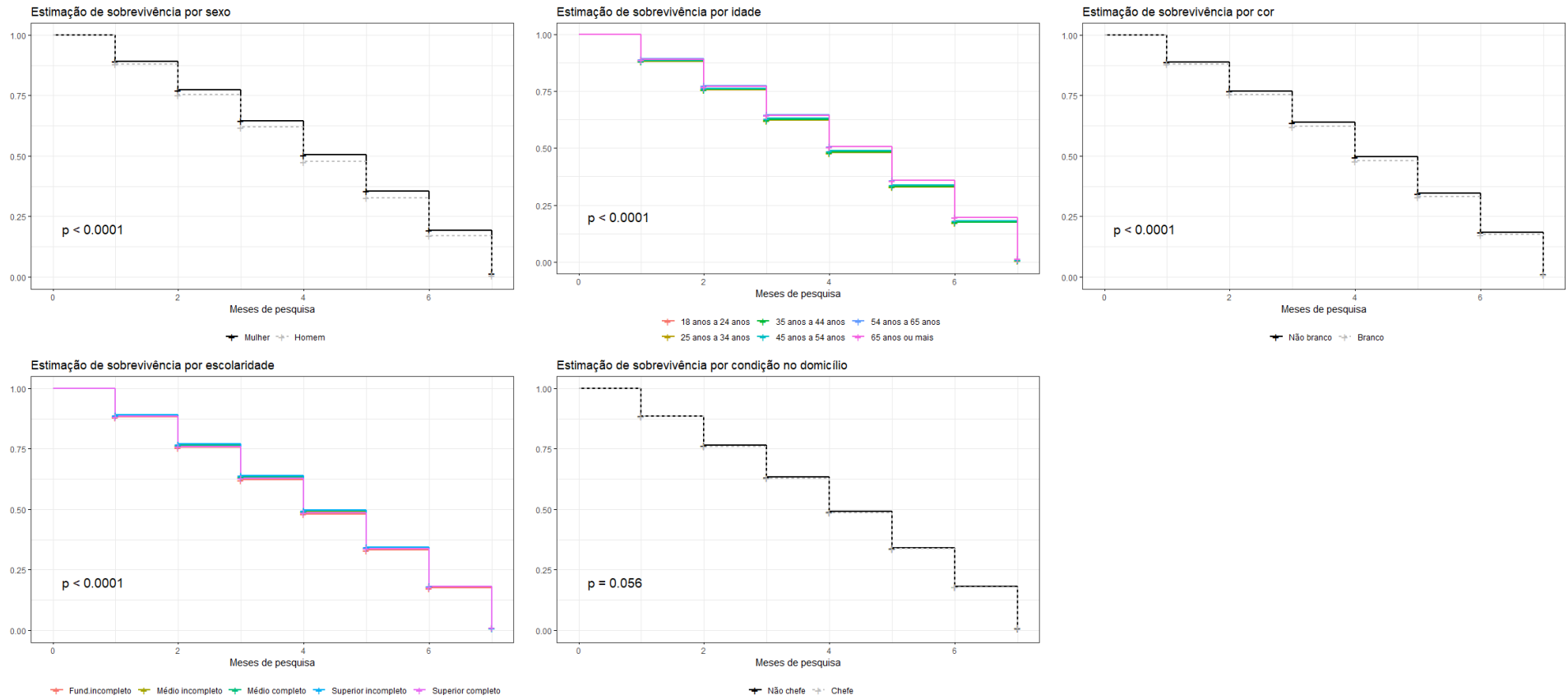
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

4.2.3 Ocupados não culturais

O último grupo a ser analisado é aquele dos ocupados não culturais. Nesse recorte, busca-se ter uma dimensão da economia geral, considerando todos o mercado de trabalho excluindo os indivíduos em atividades culturais. Iniciando na Figura 10, onde estão as estimações acerca das características sociodemográficas, as curvas de sobrevivência de mulheres e homens ficaram bem próximas durante os meses da pesquisa, porém, o tempo de permanência das mulheres é superior em relação aos homens, sendo diferente do que é encontrado para os culturais e controle. Para a idade, é interessante notar que os dois grupos com os indivíduos mais velhos (54 a 65 anos e mais de 65) foram os que apresentaram maior tempo sobrevivência, mesmo estando próximas às curvas dos outros recortes. O resultado indica uma diferença em relação aos grupos culturais e de controle, uma vez que pessoas mais velhas apresentaram um tempo médio de permanência menor. Esse resultado pode ser um indício de que existem diferenças estruturais entre os culturais e grupo de controle (que se projeta que tenham características similares), com o restante da economia.

Os indivíduos não brancos tiveram uma permanência média maior do que seus contra pares, assim como os culturais. Para escolaridade, as estimações se assemelham com as computadas para os culturais: indivíduos mais escolarizados tem uma permanência maior até certo ponto. Isso é atestado pelo fato que ocupados não culturais com superior completo tem uma média de permanência menor do que os de ensino médio incompleto. Por fim, as duas categorias de condição no domicílio apresentam resultados muito próximos, indicando uma paridade para chefes e não chefes ocupados não culturais.

Figura 10 - Estimação de sobrevivência por características sociodemográfica dos ocupados não culturais



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

No que tange às características laborais, expostas na Figura 11, os ocupados não culturais que exerciam apenas um trabalho tiveram um tempo de permanência consideravelmente maior frente àqueles que conciliavam mais de um posto. Esse resultado corrobora com o que foi visto para os culturais e para o grupo de controle e mostra como possivelmente esses indivíduos estão em ocupações formais dentro do setor público e privado, dotando de uma estabilidade maior do que autônomos e trabalhadores por conta própria, que podem trabalhar menos

A posição de empregador foi a de menor tempo de permanência, mostrando mais uma vez como a crise decorrente da pandemia foi muito prejudicial para os donos de negócios, principalmente os pequenos e médios produtores (que são a maioria dos empregadores no Brasil). O setor público ocupou os trabalhadores que mais permaneceram em seus postos, como visto na Figura 11, ressaltando a importância do papel de estado como mantedor de postos e de criar certa estabilidade em momentos de crise e de demissões em massa (Costa, 2020).

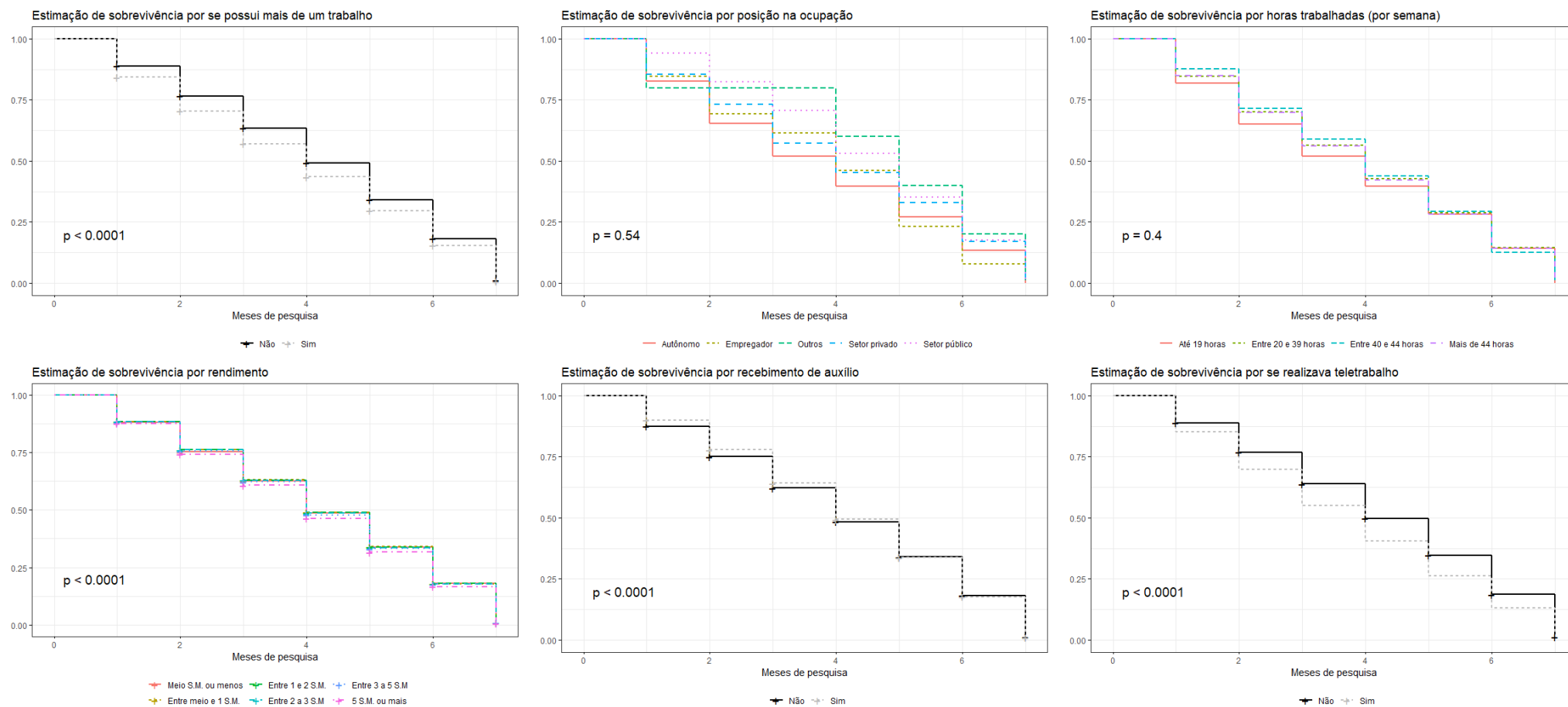
O resultado das estimações das faixas de horas trabalhadas para os ocupados não culturais é interessante: as faixas que tiveram maior tempo de permanência foram as de menos horas (até 19 horas e entre 20 e 39 horas semanais. No caso do recorte por faixa de rendimento, destoa o tempo de permanência da faixa superior, dos que recebem 5 ou mais salários-mínimos que, assim como nos culturais, permanecem em tempo menor do que os outros grupos. Como dito, indivíduos com salários mais altos podem ter saído voluntariamente, como foi entre maio e novembro de 2020, mas também, por terem uma reserva financeira, podem ficar em condições de ficarem sem emprego por algum tempo em busca de melhores oportunidades.

O recebimento de auxílios emergenciais foi importante para a permanência dos indivíduos estarem ocupados na economia de forma geral. Nos três grupos analisados, receber algum auxílio emergencial é uma condição favorável para os indivíduos continuarem em seus postos. Por outro lado, os ocupados não culturais, em teletrabalho tiveram um tempo de permanência menor, vide os três últimos meses da Figura 11. A dificuldade de transição de algumas ocupações para o trabalho remoto e o curto tempo de adaptação (considerando que a pesquisa se encerrou em novembro de 2020), podem se constituir em razões para tal resultado.

Por fim, ocupados não culturais urbanos tem um tempo de sobrevivência maior do que os residentes em áreas não urbanas, consolidando a ideia de que centros urbanos fornecem oportunidades de emprego mais sólidas e sustentáveis a longo prazo (Costa, 2008). As regiões

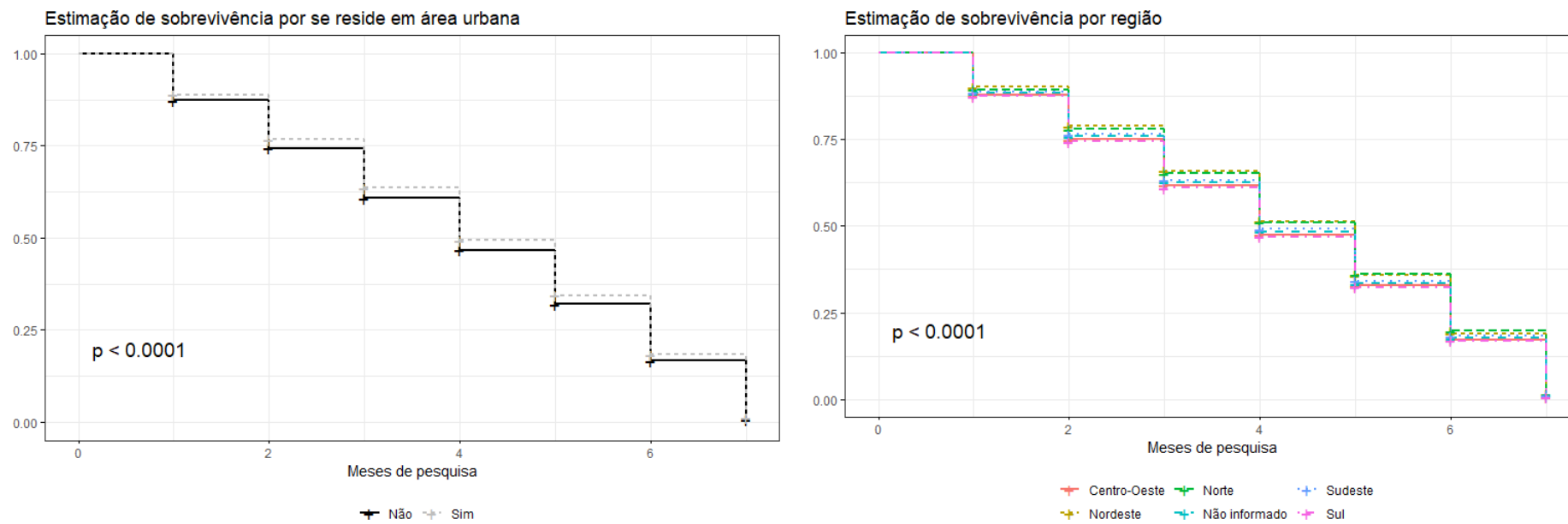
Norte (assim como o grupo de controle) e Nordeste tiveram os indivíduos com maior tempo de permanência, resultados esses que divergem do apresentado para os culturais.

Figura 11 - Estimções de sobrevivência por características laborais dos ocupados não culturais



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Figura 12 - Estimções de sobrevivência por características regionais dos ocupados não culturais



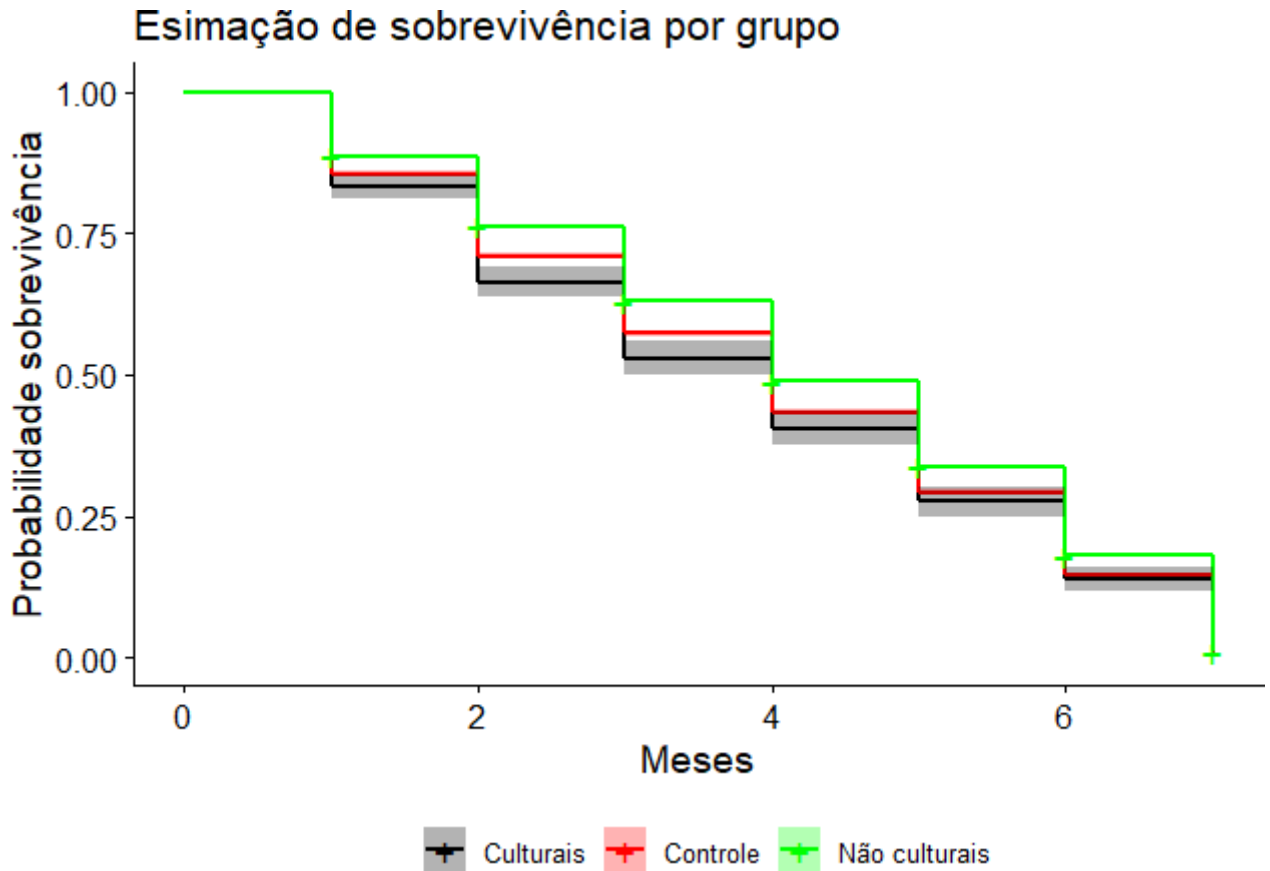
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

4.2.4 Síntese dos resultados das estimações Kaplan Meier

Feitas as estimações de todas as covariáveis para os três grupos, é interessante compilar os resultados para uma melhor visualização. Na Figura 13 é possível observar as curvas de sobrevivência para os três grupos estudados. Observam-se menores probabilidades de permanência entre culturais durante todo o período em comparação ao grupo de controle e aos ocupados não culturais. Na tabela 3, estão expostos os tempos médios de sobrevivência para cada covariável em cada grupo.

Primeiramente, pode-se notar que os culturais têm permanência média menor que o grupo de controle sendo a permanência dos não culturais maior do que os dois, assim como evidenciado na figura acima. As mulheres tiveram médias de permanência menores do que os homens para o grupo de tratamento e de controle, o que vai ao encontro com o que parte da literatura apresenta (Da Silva Henrique, Machado, 2023; Frenette , Timothy, 2020)

Figura 13 - Comparação da sobrevivência entre os grupos



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Tabela 2 - Médias de sobrevivência por grupos

Variável	Culturais		Controle		Ocupados não culturais	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio padrão
Geral	3,84	0,60	4,01	0,012	4,28	0,00
Mulher	3,70	0,08	3,98	0,08	4,36	0,00
Homem	4,05	0,09	4,04	0,01	4,23	0,00
18 a 24 anos	3,55	0,36	4,02	0,03	4,27	0,0
25 a 34 anos	3,93	0,13	4,00	0,02	4,24	0,00
35 a 44 anos	3,93	0,12	4,04	0,02	4,26	0,00
45 a 54 anos	3,65	0,13	4,00	0,028	4,29	0,00

54 a 65 anos	3.89	0.12	3,98	0,03	4,38	0,03
65 anos ou mais	3.55	0.36	3,94	0,06	4,36	0,01
não branco	3.92	0.08	3,99	0,01	4,32	0,01
branco	3.77	0.08	4,02	0,01	4,24	0,00
fundamental incompleto	3,48	0,29	3,96	0,03	4,25	0,03
médio incompleto	4,01	0,17	4,03	0,03	4,29	0,03
médio completo	3,78	0,10	3,98	0,02	4,31	0,02
superior incompleto	4,06	0,01	4,03	0,03	4,32	0,00
superior completo	3,81	0,12	4,05	0,02	4,29	0,02
chefe	3,85	0,090	4,00	0,01	4,28	0,01
não chefe	3,84	0,086	4,02	0,01	4,30	0,00
mais_trabalho = Não	3,85	0,065	4,02	0,01	4,00	0,01
mais_trabalho = Sim	3,78	0,21	3,88	0,05	3,88	0,05
Autônomo	3,80	0,066	3,99	0,01	4,24	0,01
Empregador	3,32	0,527	4,00	0,07	4,13	0,07
Outros	4,60	0,921	4,22	0,13	4,30	0,13
Setor privado	4,11	0,228	4,03	0,01	4,27	0,01
Setor público	4,53	0,441	4,03	0,09	4,45	0,09
Até 19 horas	3,57	0,14	3,81	0,05	4,26	0,05
20 horas a 39 horas	3,85	0,101	3,97	0,02	4,38	0,02
40 horas a 44 horas	3,88	0,672	4,04	0,12	4,16	0,12
Mais de 44 horas	3,98	0,215	3,95	0,03	4,19	0,03
meio S.M. ou menos	3,42	0,14	3,84	0,03	3,84	0,03
meio a 1 S.M	3,84	0,012	3,95	0,03	4,26	0,03
1 a 2 S.M.	3,99	0,11	4,03	0,02	4,29	0,02
2 a 3 S.M.	3,93	0,21	4,05	0,02	4,28	0,02
3 a 5 S.M	4,29	0,22	3,98	0,04	4,27	0,04
5 ou mais	3,53	0,29	4,09	0,04	4,24	0,04
Recebia_auxílio = não	3,65	0,094	4,00	0,01	4,25	0,01
Recebia_auxílio = sim	3,99	0,082	4,02	0,01	4,33	0,01
Teletrabalho = não	3,82	0,06	3,90	0,09	3,94	0,09
Teletrabalho = sim	4,04	0,182	3,92	0,03	3,90	0,03
Urbano = não	3,74	0,021	3,74	0,21	4,18	0,21

Urbano = sim	3,85	0,06	3,85	0,06	4,31	0,06
Centro-oeste	3,75	0,162	3,96	0,04	4,22	0,04
Nordeste	3,88	0,160	4,00	0,03	4,41	0,03
Norte	3,42	0,250	4,08	0,06	4,39	0,06
Sudeste	3,97	0,126	4,00	0,02	4,30	0,02
Sul	3,92	0,200	3,99	0,03	4,19	0,03

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

A cor dos indivíduos tem efeito inverso para o grupo de tratamento e o grupo de controle: não brancos tem tempo de permanência maior, enquanto, no segundo grupo, os brancos têm maior permanência. Essa pode ser constatada como uma diferença entre os grupos, mostrando indícios de características distintas entre eles. O grupo dos artesãos dentro dos culturais pode explicar esse resultado por ser uma ocupação com grande representatividade de pessoas não brancas. Sendo a maioria dos artesãos autônomos e pequenos produtores, eles permaneceriam na posição em que se encontram.

Também é interessante observar o que parece ser uma menor permanência para indivíduos mais escolarizados e remunerados, em todos os grupos. Os autônomos foram os que tiveram tempo médio de permanência menor entre os culturais e o grupo de controle. Para os culturais, quanto mais horas trabalhadas por semana maior o tempo médio de permanência, o que já não foi verificado para os outros dois grupos.

Finalmente, indivíduos que receberam auxílio tiveram tempo de permanência médio maior em seus postos para todos os culturais, pontuando o impacto positivo de transferências de renda para trabalhadores do setor (Billie e Jensen, 2017). O resultado também se estendeu para o grupo de controle e o restante da economia, mostrando como a transferência emergencial de renda foi efetiva para manter os trabalhadores em seus postos. Indivíduos com ocupações culturais que realizaram teletrabalho tiveram tempo de permanência maior, o que também foi observado para o grupo de controle.

Como apontado por Neto e Perobelli (2012), culturais urbanos tiveram maior permanência, resultado acompanhado pelos outros dois grupos. E as regiões com menor consumo cultural durante a pandemia, Norte e Nordeste, tiveram médias inferiores em comparação com Sul e Sudeste (Itaú, 2020)

4.3 Resultados modelo de Cox

Dando continuidade à análise de sobrevivência, considerando a análise multivariada dos fatores associados à permanência nos postos, pelo modelo de Cox. Relembrando, a partir do modelo semiparamétrico de Cox é possível analisar o efeito de cada covariável nas chances de permanência. Foi considerado significativo as covariáveis que apresentaram estatística z menor ou igual a 1,6⁵.

O fato de ser mulher aumenta as chances de permanência entre os culturais, considerando tudo mais constante, sendo que para o grupo de controle não há diferença entre sexo e para a economia geral os homens possuem maiores chances de permanência. As faixas de idade de 45 a 54 anos e os com mais de 65 anos tiveram maiores chances de permanência em relação os mais jovens (18 a 24 anos). A idade no setor cultural tem um efeito diferente frente aos não culturais, que seus indivíduos todos têm mais chances de permanecer em seus postos até os 65 anos, onde as chances de saída da ocupação são maiores.

Corroborando com o que foi encontrado no Kaplan-Meir, indivíduos não brancos tiveram maiores chances de permanecer entre os ocupados culturais. Como já abordados, esse resultado pode ser consequência de um perfil distinto que o setor apresenta, levando em consideração o grupo dos trabalhadores manufatureiros. Fato de pertencer a esses grupos.

Chefes de domicílio tem maiores chances de deixar suas ocupações frente às demais condições. Os resultados para as posições da ocupação realmente mostram como os autônomos culturais possuem as maiores chances de não permanecer no setor. Quanto mais horas trabalhadas e maior o rendimento, a probabilidade permanecer no grupo de tratamento ou controle aumentam.

Recebimento de algum tipo de auxílio emergencial e a realização de teletrabalho foram fatores que diminuíram as chances de permanência para trabalhadores culturais. Esse resultado é interessante posto que para o restante da economia, seja para o grupo de controle seja para ocupados não culturais, essas duas características se mostraram como positivas para a permanência.

Por fim, as variáveis regionais mostram que residir em áreas urbanas aumenta as chances de permanecer. Além disso, comparados com a região Sudeste, os culturais de outras

⁵ Para esses valores de z, há maiores chances de rejeitar a hipótese nula de que não existe diferença significativa nas taxas de falhas entre as covariáveis dos indivíduos

regiões tiveram maiores probabilidades de permanecer no setor. Para o grupo de controle e os ocupados não culturais, os coeficientes para os estados foi heterogêneo.

Os fatores relacionados a sobrevivência estimados pelo modelo de Cox não corroboram com alguns resultados das estimações de Kaplan Meier. Homens são mais prováveis de deixar o setor cultural do que mulheres. Também não foi encontrado um efeito positivo para o aumento da idade sobre a permanência, além disso chefes de domicílio foram menos prováveis de permanecer entre os culturais.

Por outro lado, outros resultados foram corroborados, como o fato de os culturais que receberam algum tipo de auxílio emergencial e realizaram teletrabalho foram mais prováveis de permanecer em suas ocupações. Assim como na estimação não paramétrica, o fato de ser branco teve efeito negativo para sobreviver no setor cultural. Esses resultados mostram como pode haver diferenças entre os dois modelos, visto que Kaplan-Meier observa-se a sobrevivência geral entre as características, mas nada pode-se afirmar sobre o efeito delas. Os culturais homens, por exemplo, permaneceram mais tempo nas ocupações frente aos que não receberam. Na estimação de Cox, contudo, é posto que o fato de ser do sexo masculino na verdade é afeta negativamente as chances de permanência. Logo, é possível concluir que os culturais homens permaneceram tiveram maior tempo médio de permanência não pelo fato de serem homens, mas por outras características do grupo.

Tabela 3 - Resultados modelo de Cox

Variável	Culturais		Controle		Não culturais	
	Risk Ratio	Z	Risk Ratio	Z	Risk Ratio	Z
Sexo (homens)	0.633	-0.774	0.999	-0.0028	1.252	0.980
Faixas de idade (18 a 24 anos)						
25 a 34 anos	0.139	-2.493	0.919	-0.886	2.0139	1.650
35 a 44 anos	0.163	-2.045	0.919	-0.856	1.7933	1.322
45 a 54 anos	1.793	0.514	0.947	-0.501	1.091	0.178
54 a 65 anos	1.203	-1.405	1.030	0.242	1.720	1.163
65 anos ou mais	9.283	1.185	0.952	-0.293	0.292	-1.135
Cor (brancos)	0.556	1.190	1.016	0.272	0.906	-0.414
Faixas de escolaridade (Fund. Inc.)						
Med. inc.	0.224	-1.271	0.930	-1.192	3.422	1.797
Med. com.	8.965	1.916	1.184	1.990	3.198	1.812
Sup. inc.	4.330	1.251	0.992	-0.046	10.068	3.503
Sup. com.	3.350	1.251	0.972	-0.4500	2.1698	1.15
Condição no domicílio (Chefe)	0.103	-3.251	0.824	-1.402	0.8267	-0.825
Mais de um trabalho	16.232	3.285	0.906	-0.792	2.7647	3.5158
Posição na ocupação (autônomos)						
Empregador	0.121	-2.304	0.965	-0.177	0.121	-0.001
Outros	7.835	1.052	1.072	0.518	0.300	-0.001
Setor privado	1.104	0.775	0.923	-0.162	0.047	-6.388
Setor público	0.854	-0.402	1.182	0.351	0.084	-6.871
Horas trabalhadas (até 19 horas)						
20 a 39	1.369	0.400	1.417	0.708	0.445	-3.084
40 a 44	1.024	0.076	1.134	0.268	0.000	-0.001
Mais de 44	1.047	0.076	1.174	0.340	0.222	-4.255
Faixa de rendimento (menos de meio S.M.)						
Meio a 1 S.M	8.786	3.274	1.381	1.875	3.422	1.798
1 a 2 S.M	0.548	-0.633	0.973	0.142	3.198	1.812
2 a 3 S.M	3.558	1.328	1.014	0.157	10.068	3.503
3 a 5 S.M	1.454	0.405	0.906	-0.792	2.1698	1.154
5 S.M. ou mais	21.883	2.847	0.047	-6.388		
Recebeu auxílio (sim)	1.861	-0.105	1.170	0.330	1.432	1.482
Realizou teletrabalho	1.240	-2.864	1.107	0.210	2.940	3.409
Urbano	7.619	1.071	1.036	0.546	3.3889	1.672
Região (Sudeste)						
Centro-oeste	2.430	0.763				
Nordeste	2.138	0.187	1.151	1.628	0.9683	-0.071
Norte	0.993	0.328	0.672	-1.669	0.0000	-0.007
Sul	2.605	-0.916	0.956	-0.436	0.602	-0.919

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

4.4 Fatores associados a mobilidade dos culturais

Parte-se agora para a análise da mobilidade dos trabalhadores culturais e dos determinantes que a afetam. Nas Tabelas 4 e 5, estão expostas as transições dos culturais em dois períodos do tempo da pesquisa. No primeiro, que considera a transição do primeiro ao quarto mês da pesquisa, cerca de um a cada três permaneceram nos culturais, verificando-se intensa transição para os ocupados não culturais. O segundo recorte temporal considera a movimentação do quarto para o sétimo e último mês da pesquisa, encontrando resultados semelhantes ao do primeiro período. Cerca de 50% dos culturais migraram para ocupações não culturais nos dois períodos em questão.

A transição para outras condições de trabalho pode ser explicada pelo fato de o setor cultural ter sido mais afetado pela pandemia da Covid-19 do que a economia em geral, com maior número de empresas fechando e a destruição de mais postos de trabalho (SIIC/IBGE, 2020). Assim, os indivíduos culturais buscariam outras ocupações em setores menos afetados para se manterem.

Tabela 4 - Matriz de transição para culturais durante pandemia (maio a novembro de 2020)

Primeiro mês da pesquisa	Quarto mês de pesquisa			
	Cultural	Controle	Não culturais	Não ocupados
Cultural	0,32	0,12	0,52	0,04

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Tabela 5 - Matriz de transição para culturais durante pandemia (maio a novembro de 2020)

Quarto mês da pesquisa	Sétimo mês de pesquisa			
	Cultural	Controle	Não culturais	Não ocupados
Cultural	0,33	0,10	0,54	0,03

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PNAD Covid-19

Na Tabela 6, são apresentadas o efeito das características na transição ou mobilidade dos trabalhadores culturais. O prefixo *lag* na variável indica que se está considerando o valor dela no período anterior, $t-1$. Isso é feito para as características laborais, que podem ter modificações de um mês para o outro e que o valor em $t-1$ pode afetar as chances de mobilidade em t . O que é esperado para os resultados do MNL que se corrobore os efeitos do modelo de

Cox, já que ambas apuram os mesmos coeficientes para a permanência e mobilidade dos indivíduos culturais.

Em termos das características sociodemográficas, homens culturais tiveram maior permanência em relação ao grupo de controle e maiores chance de transição para ocupações não culturais. Faixas de idade mais altas se mostraram positivas para a permanência dos culturais. Fato de ser branco contribuiu para a transição dos culturais para a inatividade.

As faixas de educação, quando foram significativas, mostram que um maior nível de instrução aumenta a permanência entre os culturais no período atual. Contudo, diferente do modelo de Cox, não foi encontrado maiores chances de transitar entre os mais escolarizados. Não foram encontrados efeitos significativos para as chances de transição dos indivíduos chefes de domicílio para nenhum grupo.

Ter mais de um trabalho favorece a mobilidade para ocupações fora do setor cultural e para não ocupação. Sobre as posições da ocupação, servidores públicos tiveram maiores chances de permanecer no setor cultural em relação aos autônomos. Já entre os empregadores, a probabilidade de transitarem foi maior. Esses resultados sobre as ocupações, que foram encontradas em três estimações vão ao encontro com o indicado em Da Silva Henrique, Machado e Antigo (2022), no sentido de que culturais em posições formais tendem a terem mais chances de sobrevivência no posto de trabalho. Trabalhar mais horas no período anterior contribuiu positivamente para permanência dos trabalhadores culturais de seus postos.

Da mesma maneira, indivíduos que receberam auxílio no período anterior tiveram maiores chances de transição em relação aos que não receberam. Já para os que realizaram teletrabalho, as probabilidades de permanência no setor cultural foram maiores frente aos que não trabalharam remotamente. Tais resultados reforçam como o auxílio governamental e a capacidade de adaptação dos postos culturais foram essenciais para a preservação dos postos de trabalho.

Os resultados para as características regionais mostram que residir em áreas urbanas foi positivo para a permanência, o que foi apurado em todas as três estimações, corroborando como outros resultados da literatura, como Neto e Perobelli (2013) e Diniz e Machado (2009), que apontam o maior desenvolvimento dessas regiões para o setor cultural, fato que inclusive pode ter sido maximizado pela crise da Covid-19. Para a região, os resultados não se mostraram significativo

Tabela 6 – Escolha ocupacional - Grupo base: Culturais

	Controle	Ocupado não cultural	Não ocupados
Sexo (homens)	0.574** (0.236)	-0.740*** (0.230)	0.233 (0.260)
Faixa de idade (18 a 24 anos)			
25 a 34 anos	-1.730*** (0.636)	-1.660*** (0.627)	-1.335** (0.676)
35 a 44 anos	-1.662*** (0.644)	-1.418** (0.635)	-0.954 (0.683)
45 a 54 anos	-1.813*** (0.660)	-1.467** (0.650)	-0.695 (0.692)
54 a 65 anos	-1.931*** (0.672)	-1.663** (0.661)	-0.061 (0.702)
65 anos ou mais	-2.822*** (0.875)	-1.871** (0.849)	-0.422 (0.913)
Cor (brancos)	0.007 (0.244)	-0.027 (0.237)	-0.528*** (0.271)
Escolaridade (Fundamental incompleto)			
Médio incompleto	-0.397 (0.656)	-0.434 (0.642)	-0.591 (0.682)
Médio completo	-0.937* (0.511)	-0.971* (0.500)	-0.909* (0.534)
Superior incompleto	-2.202*** (0.536)	-2.199*** (0.520)	-2.584*** (0.561)
Superior completo	-0.171*** (0.044)	0.016 (0.533)	-0.378 (0.552)
Condição no domicílio (chefe)	-0.077 (0.238)	-0.042 (0.231)	0.049 (0.260)
lag_mais de um trabalho	0.910*** (0.304)	0.769*** (0.292)	0.916*** (0.340)
lag_Posição na ocupação (autônomo)			
Empregador	43.916*** (0.080)	44.512*** (0.080)	74.493*** (0.000)
Outros	-3.199*** (0.00000)	3.551*** (0.00004)	
Setor privado	-2.559*** (0.437)	-2.571*** (0.433)	-3.072*** (0.463)
Setor público	-0.047	-2.720***	-2.921***

	(0.389)	(0.365)	(0.410)
Lag_Horas trabalhadas (até 19 horas)			
20 a 39 horas	-1.034*** (0.300)	-0.685** (0.276)	0.894*** (0.327)
40 a 44 horas	-25.997*** (0.106)	-24.892*** (0.106)	-14.482*** (0.00000)
Mais de 44 horas	-2.412*** (0.400)	-1.641*** (0.381)	2.047*** (0.448)
Faixa de rendimento (menos de meio S.M)			
Meio a 1 S.M.	-0.737 (0.450)	-0.390 (0.430)	-0.539 (0.496)
1 a 2 S.M.	-0.720* (0.433)	-0.500 (0.416)	-0.970** (0.479)
2 a 3 S.M.	-0.143 (0.565)	0.290 (0.549)	-0.346 (0.620)
3 a 5 S.M	-0.859 (0.524)	-0.678 (0.507)	-1.262** (0.568)
5 S.M. ou mais	-1.291** (0.534)	-0.983* (0.517)	-1.956*** (0.613)
lag_recebia_auxilio	-0.557** (0.270)	-0.520** (0.261)	0.527* (0.296)
lag_teletrabalho	-0.323 (0.300)	-1.069*** (0.287)	-0.786** (0.313)
Urbano	-0.173 (0.758)	-1.175 (0.737)	-0.987 (0.765)
Região (Sudeste)			
Nordeste	-0.494 (0.511)	-0.489 (0.495)	-0.473 (0.552)
Norte	1.000 (0.855)	0.915 (0.834)	1.139 (0.879)
Sudeste	-0.321 (0.464)	-0.512 (0.453)	-0.795 (0.488)
Sul	1.626** (0.728)	1.147 (0.720)	0.943 (0.770)
Constante	2.965** (1.187)	7.366*** (1.158)	5.082*** (1.261)
Akaike Inf. Crit.	10,166.680	10,166.680	604.848
<i>Nota:</i>			*** p<0.01

Fonte: elaboração própria com dados da PNAD-Covid 19

A matriz de transição dos culturais mostra que houve uma mobilidade de mais da metade dos culturais nos dois períodos analisados, indicando alta transição que o setor presenciou durante a pandemia. A proposta de estimar o MNL era que este servisse como uma complementação aos resultados do modelo de Cox. Era esperado que ambos os modelos apresentassem efeitos semelhantes para as covariáveis, uma vez que ambos investigam as mesmas características relacionadas à permanência e mobilidade dos indivíduos culturais. Pelos resultados apresentados na Tabela 6, pode-se observar que ambos os modelos indicam efeitos similares para as covariáveis, com algumas exceções. Por exemplo, a característica de condição no domicílio não apresentou significância estatística. Alguns dos resultados importantes que foram corroborados incluem o efeito positivo da permanência para não brancos, o recebimento de auxílio e a realização de teletrabalho no período anterior.

5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou entender a dinâmica dos ocupados em postos culturais no Brasil durante um período da pandemia da Covid-19, tendo como comparação um grupo de controle e um outro grupo sem características culturais na atividade laboral. Entre maio a novembro de 2020, nove em cada dez trabalhadores culturais eram autônomos, pior remunerados e recebiam auxílios emergenciais em maior medida do que o grupo de controle e os ocupados não culturais. As curvas de sobrevivência mostram o tempo de permanência média desses indivíduos em seus postos, considerando as suas características sociodemográficas, laborais e regionais. De maneira geral, os culturais tiveram menor tempo de permanência médio em relação aos grupos de controle e ocupados não culturais. Homens não brancos e mais velhos ficaram mais tempo em ocupações culturais no período analisado. Os autônomos tiveram o menor tempo de permanência entre as posições. Por outro lado, o grupo dos culturais que receberam algum tipo de auxílio emergencial e estiveram em teletrabalho contaram com tempo de sobrevivência mais altos.

Contudo, como o modelo de Kaplan-Meier não permite analisar o efeito de cada covariável, considerando as demais, foi estimado o modelo de Cox. Neste caso, houve ocorrência de sinais contrários aos obtidos pelo Kaplan Meyer, evidenciando a importância de combinação de fatores. A estimação do modelo de Cox mostra que as mulheres tiveram mais chances de permanecer entre os culturais do que homens, além do que indivíduos com mais idade registrarem menos chance de permanecer no setor.

No segundo momento, feita a análise sobre a permanência e os fatores que a influenciam, busca-se entender a mobilidade dos trabalhadores culturais. Dessa maneira, a partir do MNL, pretendeu-se evidenciar as características que influenciaram os culturais a permanecerem no setor ou migrarem para o grupo de controle, ocupações não culturais e desemprego/inatividade. As matrizes de transição dos culturais mostram que a transição foi alta, principalmente para ocupações não culturais, indicando que muitos trabalhadores originalmente culturais fizeram a transição para outros setores da economia, possivelmente pelas necessidades impostas pelo período pandêmico.

As estimações do modelo MNL mostram que tudo mais constante, mulheres tiveram menores chances de transição do que homens. Mostraram também como indivíduos com mais de um trabalho possuíram maiores chances de permanência. Os culturais que receberam

auxílio no período anterior tiveram menor chance de transitar, aqueles que realizaram teletrabalho apresentaram mais chances de permanência como culturais.

Em suma, os resultados apontam para comportamento do trabalho no setor cultural bastante heterogêneo, entendendo que o recorte feito é ímpar na literatura. A parcela de autônomos no setor foi muito maior do que no restante da economia. Os culturais são mais escolarizados e recebem menos em relação aos outros dois grupos, além de serem mais beneficiados pelos auxílios emergenciais e tiveram uma parcela maior trabalhando de casa. Para a permanência, os culturais não brancos tiveram permanência maior, o que pode ser explicado pelos trabalhadores manufatureiros e suas características étnicas, mas ressaltando que o efeito da covariável foi positivo para homens. Indivíduos nas faixas superiores de escolaridade e renda também tiveram permanência menor e maior mobilidade para outros setores.

A distribuição de auxílios emergenciais e a transição forçada para o teletrabalho foram dois novos fatores que a pandemia trouxe para o mercado de trabalho. Os culturais foram os que mais receberam algum tipo de auxílio, proporcionalmente, aumentando a parcela dos beneficiados a partir de setembro de 2020, quando foi implementada a Lei Aldir Blanc. O grupo que recebeu algum tipo de auxílio contou com tempo médio de permanência maior, resultado que foi corroborado pelos modelos de Cox e MNL, mostrando que considerando as outras variáveis constantes, o efeito foi positivo para a permanência em postos culturais. Os ocupados do setor foram os que mais trabalharam de maneira remota, sendo esse recorte o que apresentou maior sobrevivência e efeito negativo para a permanência no modelo de Cox e positivo para não transitar para outros grupos no MNL.

Os resultados ressaltam como o as ocupações culturais brasileiras são mais vulneráveis do que ocupações com características semelhantes e do que o restante da economia, tendo menor permanência quando comparada aos outros dois grupos. Foi constatado também como o setor é heterogêneo. Conforme destacado por Bille e Jensen (2018), diferentes grupos dentro do setor cultural apresentam diferentes comportamentos frente as decisões relacionadas aos seus postos de trabalho, o que parece ser o caso também para o recorte estudado. As estimações não paramétricas aderem a literatura com algumas exceções, já que não brancos tiveram permanência maior que brancos, por exemplo. Quando é incluído o controle das variáveis pelo modelo de Cox e pelo MNL, espera-se que as estimações apresentem resultados semelhantes por se tratar de estatísticas multivariadas. As mulheres e mais jovens, permaneceram mais tempo como trabalhadores culturais e tiveram menor chance de

mobilidade. Fato de receber auxílio e realizar trabalho remoto foram positivos para a permanência no setor cultural. Tal resultado mostra a importância de políticas de auxílio focalizadas e a capacidade de adaptação para a conservação de postos culturais. Pode-se definir a contribuição do trabalho e dos resultados levantados como ressaltando a importância de políticas públicas, principalmente focalizadas, em grupos culturais. Entendo a fragilidade que permeia o setor, ainda mais maximizada em momentos de crise, se faz necessária uma articulação para atender as demandas do setor.

Uma agenda de pesquisa futura sobre o tema deve considerar as possibilidades de analisar um período maior do que o disponível na PNAD Covid-19, com o intuito de acompanhar os trabalhadores culturais em mais períodos e acompanhar sua evolução no mercado de trabalho. Também devem ser considerados bases que permitam superar a censura a esquerda para as ocupações, dando ainda mais robustez a estimação. É reconhecido que essas questões são limitações dentro da dissertação, mas também se entende que, dentro do contexto analisado, a base escolhida foi uma das únicas fontes nos meses mais severos de isolamento social e assim seus resultados têm relevância mesmo com as questões pontuadas acima e as diferenças para bases consolidadas como a da PNAD-C.

Como política pública, se sugere a presença permanente de transferências de renda direcionadas para artistas e instituições culturais, a fim de principalmente dar suporte para culturais em início de trajetória, Dessa maneira, seria feito um movimento para amenizar as diferenças impactantes que existem no setor. Para análises mais focalizadas dentro do setor, é recomendada fontes primárias de dados, para poder lidar com grupos específicos como foi realizado por Da Silva Henrique, Machado e Antigo (2022), visto que fontes secundárias como a PNAD Covid-19 permitem análises mais abrangentes, mas com o custo de serem menos específicas.

REFERÊNCIAS

- ABRAPE (Associação Brasileira dos Promotores de Eventos). Os números do impacto da pandemia no mercado nacional de shows. Disponível em: <https://abrape.com.br/os-numeros-do-impacto-da-pandemia-no-mercado-nacional-de-shows/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.
- ALPER, Neil O.; WASSALL, Gregory H. Artists' careers and their labor markets. **Handbook of the Economics of Art and Culture**, v. 1, p. 813-864, 2006.
- BAKHSI, Hasan; DI NOVO, Salvatore; FAZIO, Giorgio. The “Great Lockdown” and cultural consumption in the UK. **Journal of Cultural Economics**, v. 47, n. 4, p. 555-587, 2023.
- BALDIN, Andrea; BILLE, Trine. Who Is an Artist? Heterogeneity and professionalism among, 2021
- BARROS, Ricardo Paes de. Os determinantes da desigualdade no Brasil. 1995.
- BELFIORE, E., & LEE, H. (2020). **Editorial. Cultural Trends**, 29, 75 - 76.
- BENHAMOU, Françoise. A economia da cultura. **Ateliê Editorial**, 2007.
- BILLE, Trine; JENSEN, Søren. Artistic education matters: Survival in the arts occupations. **Journal of Cultural Economics**, v. 42, p. 23-43, 2018.
- BILLE, Trine; LØYLAND, Knut; HOLM, Anders. Work for passion or money? Variations in artists' labor supply. **Kyklos**, v. 70, n. 3, p. 347-380, 2017.
- BRASIL**. Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020. Dispõe sobre a concessão de auxílio emergencial financeiro aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais, autônomos e desempregados, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 abr. 2020.
- BRASIL**. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo

Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 2020. Seção 1, p. 1.

CANEDO, Daniele P.; PAIVA NETO, Carlos B. Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa: relatório final de pesquisa. **Observatório da Economia Criativa**. Salvador: Santo Amaro: UFRB, 2020.

CARROLL, Kevin J. On the use and utility of the Weibull model in the analysis of survival data. **Controlled clinical trials**, v. 24, n. 6, p. 682-701, 2003.

COLOSIMO, E. A.; GIOLO, S.R. Análise de sobrevivência aplicada. São Paulo: **Edgard Blücher**, 380 p., 2006.

COLOSIMO, Enrico Antonio; GIOLO, Suely Ruiz. Análise de sobrevivência aplicada. **Editora Blucher**, 2021.

COSTA, M. da S. Um índice de mobilidade urbana sustentável. **Escola de Engenharia de São Carlos-USP**. São Carlos, 2008.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, p. 969-978, 2020.

COULANGEON, Philippe. Social stratification of musical tastes: questioning the cultural legitimacy model. **Revue française de sociologie**, v. 46, n. 5, p. 123-154, 2005.

COX, D. R.; SNELL, E. J. A general definition of residuals. **Journal of the Royal Statistical Society B**, London, v. 30, n. 2, p. 248-254, Mar. 1968.

DA SILVA HENRIQUE, Jonas; MACHADO, Ana Flávia; ANTIGO, Mariângela Furlan. Work satisfaction and job permanence in artistic careers: the case of musicians in Belo Horizonte, Brazil. **Journal of Cultural Economics**, v. 47, n. 4, p. 693-718, 2023.

DINGEL, Jonathan I.; NEIMAN, Brent. How many jobs can be done at home?. **Journal of public economics**, v. 189, p. 104235, 2020.

DINIZ, Sibelle Cornélio; MACHADO, Ana Flávia. Consumo de bens e serviços culturais nas metrópoles brasileiras—uma análise a partir de dados da POF. **Políticas Culturais em Revista**, v. 2, n. 1, 2009.

FEDER, Tal et al. Cultural consumption and Covid-19: evidence from the Taking Part and COVID-19 Cultural Participation Monitor surveys. **Leisure Studies**, v. 42, n. 1, p. 38-55, 2023.

FERREIRA NETO, Amir Borges; FREGUGLIA, Ricardo da Silva; FAJARDO, Bernardo de Abreu Guelber. Diferenciais salariais para o setor cultural e ocupações artísticas no Brasil. **Economia Aplicada**, v. 16, p. 49-76, 2012.

FILLIS, Ian et al. Guest editorial: The online and offline impacts of Covid-19 on arts and cultural marketing. **Arts and the Market**, v. 13, n. 1, p. 1-3, 2023.

FOLHA DE S.PAULO. Estudo mostra que 90% do setor criativo perdeu renda com a pandemia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/estudo-mostra-que-90-do-setor-criativo-perdeu-renda-com-a-pandemia.shtml>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

FRENETTE, Alexandre; DOWD, Timothy J. Careers in the Arts: Who Stays and Who Leaves? SNAAP Special Report. Spring 2020. **Strategic National Arts Alumni Project**, 2020.

GÓES, Geraldo Sandoval; MARTINS, Felipe dos Santos; NASCIMENTO, José Antonio Sena do. Potencial de teletrabalho na pandemia: um retrato no Brasil e no mundo. **Carta Conjunt.(Inst. Pesqui. Econ. Apl.)**, p. 1-10, 2020.

HEIAN, Mari T.; LØYLAND, Knut; MANGSET, Per. Stability and change. Nordisk kulturpolitisk tidsskrift, v. 15, n. 1, p. 46-76, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostrade-domicilios-continua-mensal>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD COVID-19. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27946-divulgacao-semanal-PNAD-Covid1.html>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema de Informações e Indicadores Culturais-SIIC. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/culturarecreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais>

ITAÚ CULTURAL. Hábitos Culturais: expectativas de reabertura e comportamento digital. Disponível em: <https://portal->

assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100597/habitos_culturais.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

KAPLAN, Edward L.; MEIER, Paul. Nonparametric estimation from incomplete observations. **Journal of the American statistical association**, v. 53, n. 282, p. 457-481, 1958.

KHAKEE, Abdul; TOWSE, Ruth. **Cultural economics**. Springer-Verlag, 1992.

LINS, Rodrigo; FIGUEIREDO FILHO, Dalson; ROCHA, Enivaldo. Não temos tempo a perder: uma introdução à análise de sobrevivência. **Revista Política Hoje**, v. 26, n. 1, p. 279-298, 2017.

MACHADO, Ana Flávia; RABELO, Alexandre; MOREIRA, Arthur Gomes. Specificities of the artistic cultural labor market in Brazilian metropolitan regions between 2002 and 2010. **Journal of Cultural Economics**, v. 38, p. 237-251, 2014.

MATHIEU, Chris (Ed.). *Careers in creative industries*. New York: Routledge, 2012.

MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. A evolução da educação no Brasil e seu impacto no mercado de trabalho. **Instituto Futuro Brasil**, v. 43, 2001.

MENGER, Pierre-Michel. Artistic labor markets: Contingent work, excess supply and occupational risk management. **Handbook of the Economics of Art and Culture**, v. 1, p. 765-811, 2006.

NETO, Amir Borges Ferreira; PEROBELLI, Fernando Salgueiro. Spatial analysis of cultural activities in the microregions of Minas Gerais. **Economía**, v. 14, n. 3-4, p. 139-157, 2013.

NEXO JORNAL. O impacto do coronavírus na cultura. E o papel dos governos. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/03/21/O-impacto-do-coronav%C3%ADrus-na-cultura.-E-o-papel-dos-governos>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

OLIVEIRA, Erivanilson Freitas et al. O uso de tecnologias para detecção de fraudes na pandemia da covid-19. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 13, n. 1, 2021.

POPA, Nicolae et al. The impact of the covid-19 pandemic on independent creative activities in two large cities in romania. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 14, p. 7674, 2021.

ROSEN, Sherwin. Learning and experience in the labor market. **Journal of Human Resources**, p. 326-342, 1972.

ROSEN, Sherwin. The economics of superstars. **The American economic review**, v. 71, n. 5, p. 845-858, 1981.

SANTOS, Thiago de Sousa et al. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros. **Anais do VII Simpósio de Excelência de Gestão e Tecnologia**, 2010.

SCHYMURA, Luiz Guilherme. A dificuldade de o auxílio emergencial chegar a quem precisa. **Revista Conjuntura Econômica**, v. 74, n. 4, p. 6-9, 2020.

SIM, DATA. COVID-19: impacto no mercado da música do Brasil. Núcleo de pesquisa e organização de dados e informações sobre o mercado musical da Semana Internacional de Música–SIM São Paulo, 2020.

SNOWBALL, Jen; HADISI, Serge. Do the cultural industries offer labour market opportunities for women and youth? A global south case study. **Cultural Trends**, v. 29, n. 4, p. 267-286, 2020.

THROSBY, David. A work-preference model of artist behaviour. In: Cultural economics and cultural policies. Dordrecht: **Springer Netherlands**, 1994. p. 69-80.

THROSBY, David. Artists as workers. In: Cultural economics. Berlin, Heidelberg: **Springer Berlin Heidelberg**, 1992. p. 201-208.

THROSBY, David. The production and consumption of the arts: A view of cultural economics. **Journal of economic literature**, v. 32, n. 1, p. 1-29, 1994.

VAN DE VEN, Wynand PMM; VAN PRAAG, Bernard MS. The demand for deductibles in private health insurance: A probit model with sample selection. **Journal of econometrics**, v. 17, n. 2, p. 229-252, 1981.

WASSAL, G.; ALPER, N. Towards a Unified Theory of the Determinants of Artists' Earnings. **Cultural Economics**, Heidelberg: Springer-Verlag, p. 247-260, 1992.

ANEXO

Tabela 7 - Comparação variáveis PNAD Covid-19 com PNAD-C

Variável PNAD COVID	Variável PNAD C	Diferença
A003 - Sexo	V2007 - Sexo	Nenhuma
A002 – Idade do morador	V2009 - Idade do morador na data de referência	Nenhuma
A004 – Cor ou raça	V2010 – Cor ou raça	Nenhuma
A005 - Escolaridade	V3003A – Qual é o curso que frequenta?	PNAD covid não considera EJAs e compila cursos de pós-graduação em uma única categoria.
A001A – Condição no domicílio	VD2002 – Condição no domicílio	Categoria 02 – <i>Cônjuge ou companheiro</i> na PNAD C foi desmembrada em duas na PNAD COVID, sendo uma para mesmo sexo e outra para sexo diferente
C006 – Tem mais de um trabalho?	V4009 - Quantos trabalhos tinha na semana de referência?	Variável da PNAD Covid é binária, a sua equivalente na PNAD C é categórica, tendo valores: um, dois, três ou mais
C007 - No trabalho (único ou principal) que tinha essa semana, era:	V4012 – Nesse trabalho era:	A PNAD Covid tem duas categorias a mais. As categorias 2 (militar) e 3 (policia) são compiladas em apenas 1 na PNAD C e a categoria 9 (pessoas fora da força de

		trabalho) não tem correspondência na PNAD C
C007C - Que tipo de trabalho, cargo ou função você realiza no seu trabalho (único ou principal)?	V4010 – Código da ocupação (cargo ou função)	Enquanto a PNAD C segue a lista Classificação de Ocupações para as Pesquisas Domiciliares, PNAD Covid segue uma lista própria de cargos
C007D - Qual é a principal atividade do local ou empresa em que você trabalha?	V4044 – Código da principal atividade desse negócio/empresa	Enquanto a PNAD C segue a lista CNAE, PNAD Covid segue uma lista própria de atividades.
C008 – Quantas horas, por semana, normalmente trabalhava?	V4039 – Quantas horas trabalhava normalmente nesse trabalho principal?	Variável da PNAD Covid considera todos os trabalhos
C01012 – Valor em dinheiro	V403412 – Qual foi o rendimento bruto/retirada que recebeu/fez nesse trabalho no mês de referência? (Valor em dinheiro)	Variável da PNAD Covid considera todos os trabalhos
D0051 – Auxílios emergências relacionados ao coronavírus	-	
C013 - Na semana passada, o(a) Sr(a) estava em trabalho remoto (home office ou teletrabalho)?	-	
V1022 - Situação do domicílio	V1022 - Situação do domicílio	Nenhuma
UF – Unidade da Federação	UF – Unidade da Federação	Nenhuma
Mês da pesquisa	-	Variável não se aplicada para PNAD C

Fonte: elaboração própria

